



Esther Santos Santarém Magalhães do Nascimento

***Memeficando na pandemia***  
**o uso de memes no Ensino de História**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como  
requisito para obtenção do título de licenciatura e bacharelado em  
História.

Orientadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello

Rio de Janeiro  
Novembro de 2024

## Agradecimentos

Dizem que a escrita é solitária, não discordo totalmente, mas a experiência da universidade também é marcada pelos encontros que fazemos pelo caminho. Agradeço publicamente a todos que compartilharam suas caminhadas comigo, todas as conversas, risadas e alguns micos. Vocês foram muito importantes!

Agradeço aqui por todo o acolhimento que recebi nesses anos pelos professores e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio. Igor Fernandes, obrigada por me ajudar a resolver os “pepinos” quase diários que eu trazia. Claudio Santiago, sua gentileza, carinho, cuidado e animação tornou a jornada mais leve, você é o melhor do mundo!

Iamara Viana, agradeço por ter me escolhido para o Programa de Residência Pedagógica e por ter sido a primeira a ouvir as minhas ideias para essa pesquisa. Agradeço a minha orientadora Juçara da Silva Barbosa de Mello pelas instruções e pela tutoria no PET. Estendo aqui um reconhecimento importante aos Petianos, vocês ajudaram no meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Por último, mas não menos importante, agradeço a minha família, de sangue e de coração, por todo o apoio, o colo nos momentos difíceis, a crença em minhas capacidades, por toda leitura prévia dos meus textos, conselhos e amor. Eu não estaria aqui sem vocês, portanto, essa pesquisa é a concretização dos nossos sonhos.

## **Resumo:**

NASCIMENTO, Esther Santos Santarém Magalhães do. ***Memeficando na pandemia: o uso de memes no Ensino de História.*** Monografia (Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024.

A implementação das Tecnologias de Informação e Comunicação se intensificaram, principalmente como ferramentas de ensino, a partir da pandemia da Covid-19 e o subsequente afastamento das salas de aula nas escolas. Em razão disso, a linguagem digital dos memes foi usada como alternativa pedagógica para engajar a participação dos alunos neste momento instável. Por meio de uma análise quantitativa-qualitativa feita mediante um formulário com profissionais da educação, estudantes do curso de História e pessoas da sociedade civil, a observação da experiência vivenciada no Programa de Residência Pedagógica em 2020 e dos dados coletados da página *História no Paint* no *Instagram*, o presente trabalho procurou compreender como o uso de memes enquanto ferramentas pedagógicas ocorreu no campo do Ensino de História durante os anos da pandemia de Covid-19. A resolução encontrada indica a legitimidade deles enquanto ferramentas didáticas multirreferenciais, uma vez que auxiliam na compreensão criativa, fácil e contextualizada dos conceitos históricos. A contribuição desta pesquisa para a História, principalmente para o campo da História Digital, está na proposição de novas perspectivas para o processo de ensino-aprendizagem com a cooperação das Tecnologias de Informação e Comunicação.

## **Palavras-chave:**

Ensino de História; Memes; História Digital; Covid-19

## Sumário

Introdução.....	6
Memes: Nunca vi, nem usei, só ouço falar.....	11
1.1. E é Linguagem, é?.....	17
1.2. História no Paint.....	20
Ensino de História é fácil! (é verdade esse bilhete).....	26
2.1 Ofício do Historiador.....	33
Quarenteners.....	37
3.1 Eram pra ser 15 dias, foram 2 anos.....	41
3.2 Início de um sonho: dar aula x Deu tudo errado: câmera fechada e sem alunos.....	46
Considerações Finais.....	51
Referências Bibliográficas.....	53
Anexo 1 - Entrevista Leandro Marin.....	56
Anexo 2 - Formulário Digital: Memes e Ensino de História.....	59

## **Lista de Figuras**

Figura 1: Nuvem de palavras	14
Figura 2: Gráfico de frequência	15
Figura 3: Gráfico de preferência	16
Figura 4: Gráfico de consumo	16
Figura 5: Gráfico de representação	22
Figura 6: Gráfico sobre estudos	28
Figura 7: Meme do Historiador	33
Figura 8: Meme Lula Molusco	37
Figura 9: Gráfico temático	39
Figura 10: Meme peste bubônica	39
Figura 11: Meme René Descartes	40
Figura 12: Meme do fotógrafo	40
Figura 13: Meme dos Simpsons	41
Figura 14: Meme do Bob Esponja	43
Figura 15: Meme do Bart Simpson	43
Figura 16: Meme dos cachorros caramelos	45

## Introdução

Há muitas formas de abordar o ensino da História, mas quando ocorre uma pandemia em escala mundial, o caráter digital precisa ser problematizado. Mais do que uma alternativa à ordenação de isolamento social, as tecnologias na educação são uma tendência do mundo moderno. Visto isso, é imperativo um estudo de como a digitalização, e suas ferramentas que impactam o Ensino de História em ambos os vieses da relação educacional.

A adesão de tecnologias no campo do ensino ocorre há pelo menos uma década, abrindo para todas as disciplinas maiores oportunidades de aprofundamento dos temas e debates com mais fundamentos. A História possui precursoras na ponderação da digitalização do Ensino de História como a Anita Lucchesi (Lucchesi, 2014) e Marcella Albaine Farias da Costa (Costa, 2019), uma vez que esse é um projeto já visível no cotidiano de professores e alunos, sendo efetivamente necessária a discussão sobre sua inclusão, usos e limites.

As Tecnologias de Informação e Comunicação são definidas como recursos eletrônicos nos quais a aquisição, desenvolvimento e distribuição de conhecimentos são facilitados por serem produzidos em cadeia. Assim como os memes, elas são igualmente plurais, com implementações que aproximam e diversificam as metodologias educacionais. Porém, do mesmo modo, anseiam por mediação, uma vez que acatam o que o usuário se propõe a fazer, seja uma proposta positiva ou negativa.

Luis Fernando Cerri em seu importante artigo sobre o historiador e a reflexão didática (Cerri, 2013) nos ajuda a definir esta como parte da didática histórica que é, por sua vez, um exercício da Teoria da História. Portanto, o ensinar entrelaça a teoria vista na academia com a prática vinda da troca de conhecimentos com os alunos, tendo suas fontes e metodologias ligadas se renovando e acompanhando as evoluções que ocorrem em seus meios.

Os memes são, por sua vez, uma das linguagens utilizadas na internet cujo objetivo é transmitir conteúdos que referenciam aspectos culturais por meio de imagens, sons, vídeos e com propósitos que variam de acordo com a mensagem que se pretende difundir, o teor educativo deles será verificado neste trabalho.

A pesquisa pretende analisar o impacto dos estímulos imagéticos dos memes, principalmente os divulgados na página *História no Paint*, disponibilizados na plataforma *Instagram*, no Ensino de História no contexto da

pandemia de Covid-19. A preocupação com o incentivo à disciplina História nestes tempos e suas abordagens, direciona o projeto para o questionamento sobre como os memes podem servir como ferramentas viáveis aos “Historiadores-Professores” na construção de um ensino-aprendizagem mais dinâmico.

Esta discussão se faz necessária principalmente aos professores que experienciam o processo de ensino-aprendizagem em uma circunstância pandêmica onde seu cotidiano de trabalho, e também, suas leituras e vivências foram modificadas repentinamente.

O primeiro capítulo, **Memes: Nunca vi, nem usei, só ouço falar**, aborda a definição do conceito de meme, com uma discussão bibliográfica dos usos do termo desde a sua primeira apresentação no livro de Richard Dawkins em 1976 para melhor compreensão das interpretações acerca do objeto dessa pesquisa. Por meio de uma apuração com as maiores referências sobre os memes, é traçado um panorama sobre as principais camadas conceituais historiográficas. A coletânea organizada por Victor Chagas, permite entender os memes por meio das observações interdisciplinares feitas por estimados autores, em que verificam o fenômeno e o uso dessas expressões digitais sob as metodologias da Comunicação, Linguística, Museologia, Artes, Estudos de Mídia, Tecnologia, História e Educação. Ao possuir fundamentos nessas áreas, o meme já consolida a sua essência plural e agregadora. Ainda no primeiro capítulo, é feito um levantamento sobre a página *História no Paint*, que inclui também uma entrevista com seu administrador, o historiador Leandro Marin, visando compreender melhor seus objetivos e ferramentas.

Busco, com os diferentes recursos destas obras, garantir o fundamento necessário para o desenvolvimento do projeto de pesquisa em questão. Nos pautamos na atualidade das discussões com o objetivo de somar nossa voz e pesquisa aos historiadores digitais que se propõem a entender como os memes podem ser produtivas ferramentas pedagógicas.

Para tanto, foram escolhidos memes que falam sobre a pandemia ou algum aspecto ligado a ela entre os anos de 2020 e 2021 para serem analisados por toda a pesquisa, dividindo o estudo com a entrevista cedida e as respostas do formulário.

O formulário<sup>1</sup> *Memes e Ensino de História* criado via *Google Forms* tinha por objetivo recolher dados sobre a relação que o público geral fazia entre Ensino de História e Memes. As perguntas formuladas buscaram fazer uma análise qualitativa e quantitativa desses campos, ao mesmo tempo que colocou a pandemia como plano de fundo. Elas foram estruturadas em diferentes mecanismos para melhor depreender os dados, são eles: as respostas curtas, respostas longas, múltiplas escolhas e caixas de seleção. A título de esclarecimento, as respostas longas são aquelas das quais retiramos as respostas para avaliação qualitativa por trazer mais detalhes. Tanto as questões de múltiplas escolhas quanto as de caixas de seleção foram empregadas a fim de aferir quantitativamente sobre os hábitos de consumo desses recursos digitais.

Ao longo do mês de setembro do ano de 2024, foram recebidas 72 respostas provenientes de grupos de professores da educação básica, estudantes de História e pessoas que atenderam ao link postado em redes sociais como *Whatsapp* e *Instagram*.

Em razão das perguntas não constarem como obrigatórias, houve uma variação do número de respostas, sentida principalmente nas questões “Você já usou memes nos seus estudos e/ou trabalho? Se sim, diga como”, “Há algum tema na disciplina História que te lembre de algum meme ou que você tenha entendido melhor através dele?” e “Qual é a sua opinião sobre a aplicação de memes nas aulas, principalmente de História, feita durante a pandemia como estratégia pedagógica?”. As quais receberam 33, 61 e 68 respostas respectivamente.

Analisaremos por pontos os dados do formulário começando com o perfil dos participantes. Como dito anteriormente, a pluralidade do público misturou as visões formais e leigas sobre a concepção de memes e a sua relação com o ensino, em especial da disciplina de História. Os dados pessoais coletados foram apenas de ocupação e idade, as informações de raça, classe e gênero não foram apurados, mas é possível fazer uma análise superficial do último e verificar um maior percentual de mulheres respondendo.

Entrando propriamente nos dados recolhidos, a variação etária percebida foi de 16 a 72 anos, sendo a maioria das respondentes 9,91% da idade de 24 anos, contemplando assim imigrantes e nativos digitais<sup>2</sup>. Tal alternância se torna na

---

<sup>1</sup>O formulário pode ser acessado pelo link a seguir: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdMYT4cGdzarJ1B196NN1tAkCZpAPPWE3aPjOghGyFebDkE2g/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdMYT4cGdzarJ1B196NN1tAkCZpAPPWE3aPjOghGyFebDkE2g/viewform?usp=sf_link) No anexo 2 constam as questões propostas.

<sup>2</sup>Nativos e Imigrantes Digitais são categorias que tentam explicar o modo como pessoas que nasceram inseridas na era tecnológica (nativos) possuem epistemologias diferentes das que



forma como eles definiram memes e a sua influência no ensino, indicando uma defasagem geracional no letramento digital. A ocupação seguiu o padrão, sendo 51,4% de pessoas que trabalham com educação, seja como estudantes, professores, agentes de inclusão. Deles vieram a maior parte dos dados sobre uso de memes no trabalho, pois suas explicações derivam das próprias experiências ou do impacto que a sugestão causou.

A fim de facilitar a leitura, as respostas do formulário *Memes e Ensino de História* permeiam toda a pesquisa, sendo referenciado com a letra efe em maiusculo para diferenciar. De mesmo modo, as citações diretas das perguntas usarão o nome genérico de Entrevistada<sup>3</sup> e o número relativo a sua entrada no formulário, exemplificadamente Entrevistada 88.

Em seguida, no capítulo 2 **Ensino de História é fácil! (é verdade esse bilhete)** adentramos no Ensino de História, com uma breve definição do campo, suas transformações durante o recorte temático da pesquisa de 2020 a 2022, em outras palavras o impacto da pandemia, a legitimidade do uso dos memes e o ofício do historiador. Tangencialmente se discute a inserção nas Humanidades Digitais e a discussão sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação.

No terceiro e último capítulo, é retomado o contexto da sociedade brasileira no surgimento da doença, analisando o impacto da mesma no âmbito educacional, suas influências no modo como a História foi escrita, e as conjecturas para o Ensino de História. Seu nome, **Quarenteners** alude a expressão dada àquele que estava cumprindo as medidas de isolamento, tendo compartilhado seu cotidiano em suas redes sociais. O aporte temporal na pandemia de Covid-19 se dará com o artigo “História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores” da mestra em História Global Ana Carolina Machado, a qual problematiza a adaptação dos historiadores enquanto sujeitos em contexto pandêmico e escritores da história em modelos até então novos para muitos, o ambiente digital. Além disso, se impõe como um trabalho ainda em produção de uma historiografia pública, digital e imediata cujo caráter de “complemento da história do tempo presente, responde às demandas do imediatismo visando construir um

---

nasceram antes do amplo acesso dos recursos digitais (imigrantes). Para mais, ver PISCHETOLA, Magda.; HEINSFELD, Bruna Damiana. **“Eles já nascem sabendo!”: desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional.** 2018

<sup>3</sup>Aqui utilizado o gênero feminino para abordar os gêneros binário e não-binário, respeitando o gênero da maioria das pessoas entrevistadas.

esclarecimento sobre um processo histórico que ainda está acontecendo.”  
(Machado, 2020, p. 75)

## 1

## **Memes: Nunca vi, nem usei, só ouço falar**

Qualquer pessoa que abra suas plataformas de mídias sociais na atualidade se deparará com um objeto de rápida difusão e entendimento com diversos significados e formatos. Esses são os famosos *memes da internet*, os quais são facilmente encontrados nesses espaços virtuais de sociabilidade. Porém, este capítulo procura demonstrar quais as potencialidades do meme ao fazer uma explicação sobre suas definições e cronologias.

O meme possui características que o constituem enquanto conceito, como, por exemplo, sua datação, sua essência plural e a variação de significados conforme seus usos no tempo e espaço. Visto isso, antes de adentrar na concepção que será utilizada neste trabalho, apresentarei brevemente as três principais correntes de sua compreensão, de acordo com o estudo realizado por Viktor Chagas, no livro por ele organizado: *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas um fenômeno do mundo digital*. (Chagas, 2020)

Richard Dawkins, ao designar em seu livro *Gene Egoísta* na década de 70 as “[...] pequenas unidades culturais de transmissão, análogas a genes, que se espalham de pessoa para pessoa por cópia ou imitação” como memes, foi creditado por estudiosos das ciências humanas como o pioneiro do uso do conceito *meme*. Com o advento do campo das Humanidades Digitais, a discussão conceitual acerca dos memes adquiriu a perspectiva digital e tecnológica.

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa *même*. Exemplos de memes são melodias, idéias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. (Dawkins, 1976)

Neste trecho, a própria origem conceitual caracteriza-se por apresentar possibilidades de adaptações, ao mostrar suas influências de criação. Compensa salientar que “Mimeme” deriva de “Mnemosine” que tem sido traduzida como memória, como o próprio autor destaca, sendo descrita pela tradição mitológica

como a Titânide que representava este dom e que gerou as musas gregas, incluindo Clio, a musa da História.

Por outro lado, temos uma palavra grega comumente associada aos memes: *Mimesis*. Esta configura a imitação de um objeto, ideia, situação, sendo coerente com a essência do objeto, mas com relação equivocada à raiz grega.

O fato de ser apontado como uma partícula da memória confere ao meme a característica de ser marcante, algo que se fixe e/ou desperte lembranças por algo de sua composição, lidando com a subjetividade de quem o interpreta. Posto isso, se entende que o termo já surgiu sendo plural, possibilitando aos leitores que escolham qual interpretação e formatação enxergam em seu nome, mesmo que ainda estejam ligados, neste momento, à genética cultural proposta por Dawkins.

Compartilham dessa perspectiva as publicações entre 1976, lançamento do livro *Gene Egoísta* de Dawkins, e 2001, as quais estão ligadas ao caráter biológico e que começam a fundamentar a Memética enquanto campo de estudos.

A segunda linha interpretativa refere-se aos estudos produzidos nos anos de 2001 a 2011 e tem como representante a pesquisadora e professora de Comunicação Limor Shifman. Sua visão já contrasta com a primeira ao ter uma abordagem evolutiva da cultura e o entendimento dos memes como mídia da internet, algo material e digital de valor complexificado, em conformidade ao trecho a seguir:

Enquanto memes são aparentemente artefatos triviais e mundanos, eles, na realidade, refletem estruturas sociais e culturais profundas. Em muitos sentidos, memes de internet podem ser tratados como um folclore (pós-) moderno, em que normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais como imagens photoshopadas ou lendas urbanas. (Shifman, 2014)

Em seu livro *Memes in Digital Culture*, a autora reforça que os memes refletem mudanças na cultura digital ao serem os produtos das recepções dos contextos e fatores sociais, sendo uma espécie de síntese do que é a Era da Web 2.0. Esta é definida como o período a partir de 2006 em que o acesso de leigos passa a ser maior, aumentando assim a interatividade entre a máquina e o usuário. Há neste intervalo, uma aceleração da internet em si e uma massificação de seu uso, o que é democraticamente dicotômico, uma vez que apesar de difundir seu acesso, uma parte da população ainda não foi abrangida. Não é uma coincidência que a parcela desconectada seja a mesma que está à margem da sociedade em

termos políticos e socioeconômicos. Assim como a escrita da História passa por disputas de narrativas, o controle sobre o uso da internet é um poder de controle da atualidade, distinguindo seus agentes e as vozes permitidas a circular.

Por fim, as produções a partir do ano de 2011, com influência nacional de Viktor Chagas, são exemplares da terceira geração. Nessa corrente interpretativa, os memes são considerados uma nova linguagem e/ou letramento social ao serem pensados em conjunto com outros campos de saber, sendo a linguística e a política grandes exemplares dessa acepção.

Os memes conservam, em relação ao conceito de enquadramento, o mesmo componente capaz de organizar a experiência humana por meio de representações coletivas. Mais do que isso, na forma como os conhecemos hoje, materializados como conteúdos que circulam pelas mídias sociais, eles partem do princípio da brincadeira e trazem embutidos elementos de metacomunicação (“Isto é uma piada”) explícitos na própria linguagem e estética propositadamente grosseira. (CHAGAS, 2020)

Assim, eles são entendidos como a linguagem que comanda as interações ocorridas nos meios virtuais, governando a cultura digital a qual todos foram e estão incorporados na atualidade.

Este trabalho de conclusão de curso se insere na terceira geração, uma vez que trabalha com memes já nativos digitais e a relação destes com a educação, em específico o Ensino de História, com a proposição de que o meme é a síntese entre o letramento histórico e digital e, portanto, pode ser utilizado como recurso pedagógico.

Uma das primeiras questões do Formulário era justamente sobre o entendimento das pessoas sobre o conceito de meme. Transformando essas respostas em gráfico, obtivemos uma nuvem de palavras em que os termos mudam a sua cor e tamanho de acordo com as incidências nas respostas, assim podemos depreender os principais pilares do conceito segundo as pessoas entrevistadas, sendo eles a formatação, a função e o seu conteúdo.

Figura 1: Nuvem de palavras.

O primeiro aspecto foi acerca da forma em que os memes aparecem. Foram citadas as palavras “figurinhas”, “imagens”, “vídeos”, “frases”, o que atesta o argumento supracitado da pluralidade dos memes. Tais representações são objetos que estão presentes no cotidiano e apresentam por si só camadas de simbolismo e construção de sentido. Além de trazer estímulos visuais que são importantes recursos de inclusão para com pessoas analfabetas, com deficiência e as com aprendizagem visual, auditiva e cinestésica.

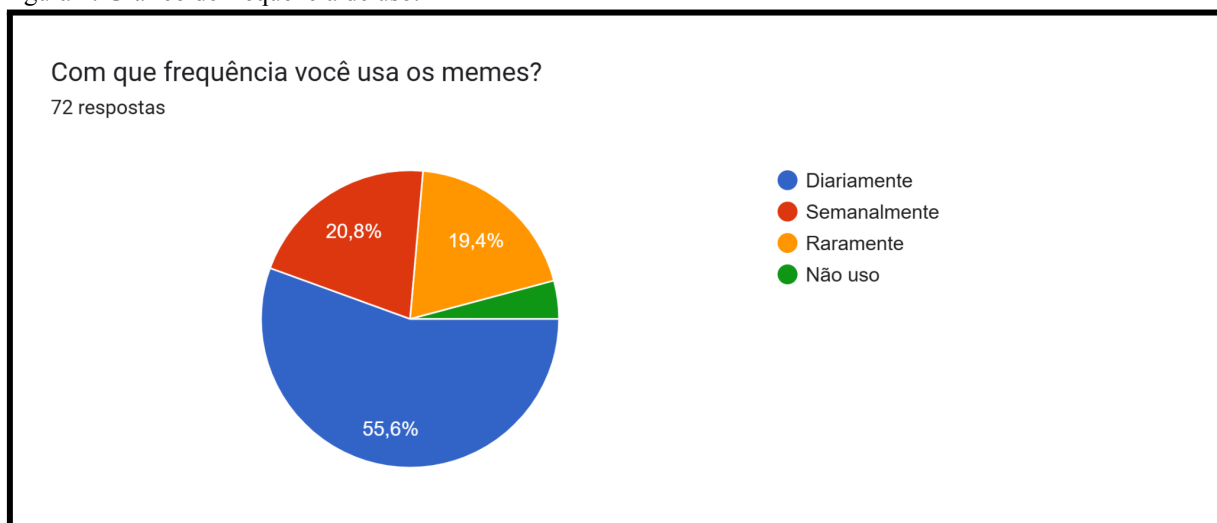
A pluralidade de formatos já se põe evidente juntamente com o aspecto engraçado, ou seja, mesmo que não entendam todas as propriedades de um meme, as pessoas sabem que eles se apresentam de muitas formas e que estão ligados ao divertimento. Por isso, os itens relativos a humor foram os mais comentados para se falar da função memética, sendo o entretenimento a principal função elencada. Afora a graça e o divertimento, são comunicação, expressões de acontecimentos e contextualização.

O terceiro tópico a ser desenvolvido é a ideia de cotidiano. Sinônimos do termo marcaram presença nas respostas, evidenciando a presença deles na rotina das pessoas, uma linguagem utilizada diariamente que conecta pessoas no compartilhamento de vivências.

Essa atuação se tornou mais evidente quando analisamos as questões sobre a regularidade na aplicação das peças digitais. O primeiro gráfico demonstra a

frequência atual do uso, sendo a opção ‘diariamente’ escolhida por 55,6% dos entrevistados.

Figura 2: Gráfico de frequência de uso.

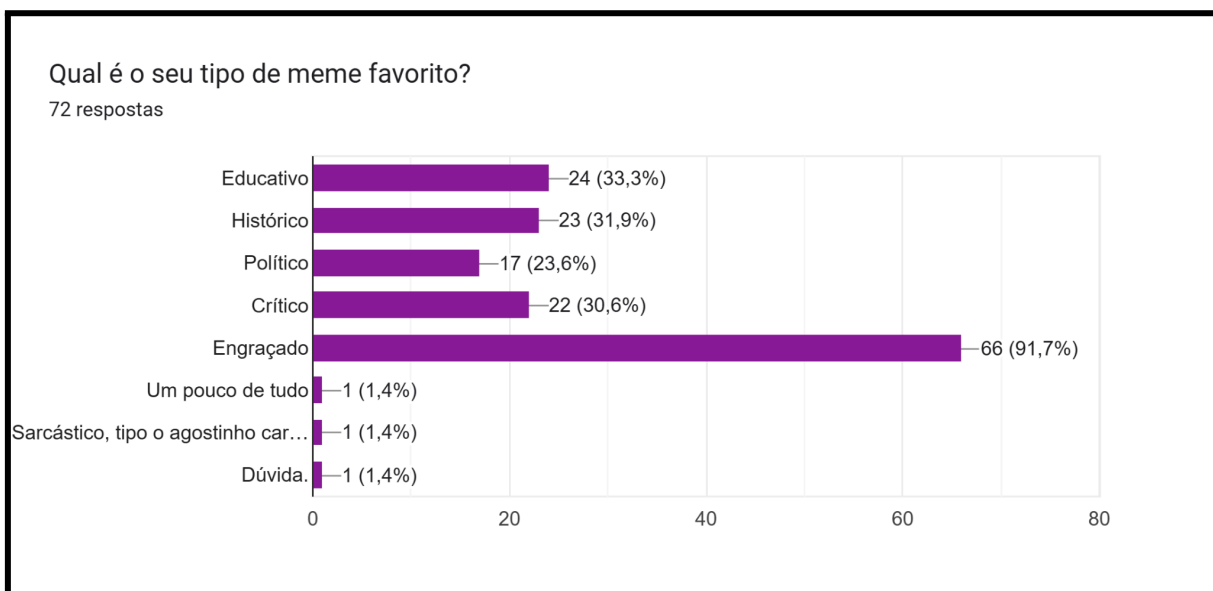


Fonte: A autora via Google Formulários.

Após a definição dos memes, foi perguntado qual era a tipologia favorita dos usuários. Nesta questão, a ideia de que essas peças digitais podem ser utilizadas com o teor pedagógico foi introduzida, chamando atenção ao fato de que os exemplos educativos e históricos foram selecionados juntos em 15 respostas. Isto demonstra que por mais que eles sejam definidos como artefatos engraçados em sua maioria, as pessoas percebem teores de outras figuras de linguagem como o próprio sarcasmo, posto como alternativa por uma das respondentes<sup>4</sup>.

Figura 3: Gráfico de preferência.

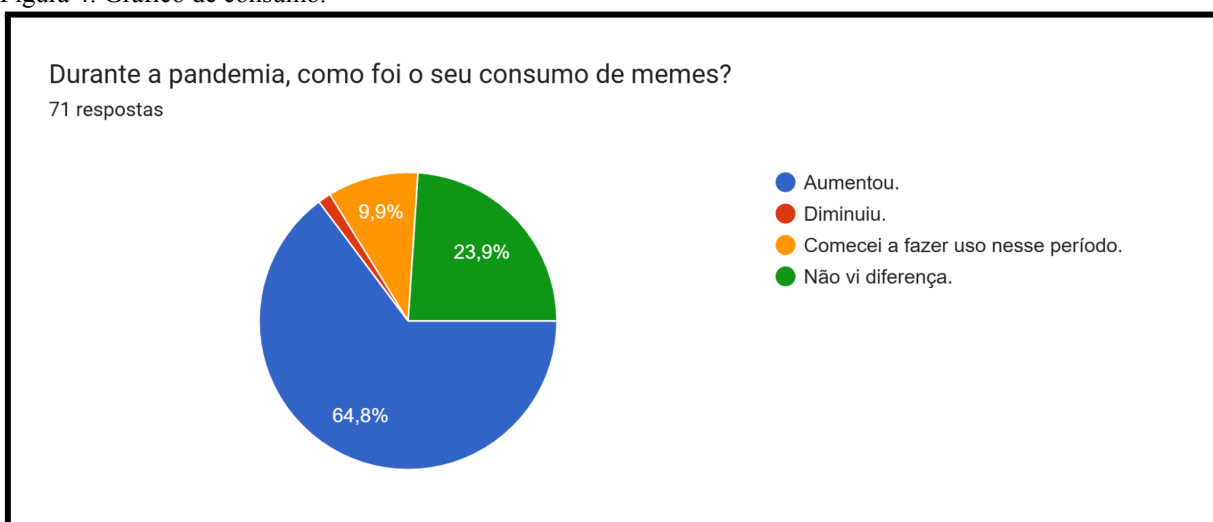
<sup>4</sup> A resposta ao item ainda contou com um exemplo de meme do gênero: “Sarcástico, tipo o agostinho carrara ameaçando se enforcar com o chuveirinho” (Entrevistada 42, 2024).



Fonte: A autora via Google Formulários.

Em relação ao costume na pandemia, o gráfico a seguir alega um aumento durante o período, muito em decorrência a ampliação do tempo diante de diferentes telas que ocorreu em declínio do tempo de deslocamento em razão do isolamento social. Em ambos os gráficos, é possível ratificar o hábito de estar conectado, prática preexistente à pandemia e que continua após ela, sem pretensão de diminuição.

Figura 4: Gráfico de consumo.



Fonte: A autora via Google Formulários.

Tendo em vista os princípios apresentados, a partir deste momento, a definição de meme utilizada ao longo deste trabalho será a de: material originado na internet que possui diferentes formatos, cuja existência ultrapassou os limites



virtuais e se tornou algo do cotidiano digital e analógico do sujeito; uma forma de linguagem entre indivíduos conectados ou não que expressa um dado cultural.

### 1.1. E é Linguagem, é?

Na área de Linguagens, o digital é trabalhado como uma linguagem contemporânea por meio da qual se realizam as atividades humanas nas práticas sociais, além de enfatizar-se o seu uso como forma de expressão, partilha de informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e de produção de sentidos. Destacam-se a compreensão e utilização das TDICs de forma crítica, significativa, reflexiva e ética para ações como, por exemplo, de produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (Costa, 2019)

A tese de Marcella Albaine trouxe esclarecimentos bastantes significativos quanto a uma escrita da História para o ensino em formato digital. Porém, o modo como observou a presença do termo digital na Base Nacional Comum Curricular por entre as áreas do conhecimento, mapeou como essa dimensão está desenvolvida no código de orientações de maior importância para o ensino do Estado brasileiro. O trecho acima informa que nas áreas de linguagens, o letramento digital já é trabalhado enquanto parte do entendimento do que ela chamou de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, nesta pesquisa somente trabalhada como Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo a primeira ideia de linguagem digital.

Uma das premissas deste trabalho é afirmar os memes como uma linguagem síntese entre o letramento histórico e o letramento digital. Portanto, é necessário ratificá-lo enquanto linguagem primeiramente. Cintia Beňák de Abreu defende em sua dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) que os memes são um tipo de gênero textual uma vez que

[...] trabalham com diferentes linguagens e semioses, exigindo do interlocutor uma complexa rede de inferências. Isso se deve, especialmente, por exigir nesse gênero textual a utilização de uma imagem já existente na sociedade, ancorando-se no processo de intertextualidade, o qual consiste em um texto que, de forma implícita ou explícita, remete-se a um outro texto já existente. (Abreu, 2020)

Ou seja, é uma forma de comunicar as ideias por meio de outros conhecimentos e noções da cultura popular, envolvendo signos diversos a fim de promover um diálogo com os interlocutores. Se assemelha a gêneros mais

consolidados como charges e tiras, pois, em sua maioria, combinam imagens e texto para construir a mensagem. Apesar de ainda não ser algo bastante difundido na pesquisa histórica, eles podem ser entendidos e operados como fontes da História, melhor dizendo, como documentos de rápida propagação que concentram em si aspectos da sociedade em um determinado tempo.

Alguns imigrantes digitais o consideram algo de baixo valor intelectual, por ainda estarem ligados à visão de que são uma piada de rápida divulgação, termo comumente usado como sinônimo. Por outro lado, as pessoas que estudam os memes, chamados de memeticistas, e uma parte dos nativos digitais conseguem enxergar as camadas da construção de um meme, abrindo espaços de experiências e horizontes de expectativas.

Tais termos, para Koselleck no livro *Futuro Passado* (Koselleck, 2006) significam uma abertura de paradigmas, nos quais as possibilidades de uso se multiplicam conforme as vivências que se somam. A respeito dos memes, essa lógica se enquadra na visão de que os conceitos possuem historicidade, que são definições que se ampliam e se sobrepõem, se resignificando de acordo com os contextos de uso e os estratos de tempo em que se inserem. (Koselleck, 2014)

Essa análise e o entendimento dos memes enquanto fontes históricas são feitas principalmente nos campos da História Pública e do Ensino de História, pois ambas estudam as alternativas da divulgação histórica, como também na área de Humanidades Digitais, já que eles associam dados de outras esferas de saber. Como os disquetes representam hoje artefatos dos primórdios da internet, uma respondente seguindo a mesma linha de raciocínio afirmou que “Os memes serão um legado “arqueológico digital” daqui a anos (sic) com certeza.” (Entrevistada 46, 2024), marcando a ideia de que eles são a linguagem dominante na interação virtual desse período e servirá como arquivo para historiadores e pesquisadores em geral no futuro.

Uma das respostas do Formulário que mais sintetizou o que eram os memes foi proposta por uma estudante de vinte e dois anos que, ao descrever o que eles significavam para si, trouxe a ideia de linguagem implicitamente. Sua resposta foi desenvolvida da seguinte maneira:

São imagens ou vídeos que fazem parte de um referencial comum (filme, série, personagem, famoso, evento, vídeo viral na internet) e remetem a um acontecimento ou estado de espírito específico, comumente empregado em situações engraçadas do dia-a-dia. (Entrevistada 20, 2024)

Sendo assim, podemos afirmar que eles são objetos que traduzem o cotidiano social por meio de elementos intertextuais da cultura popular presentes no contexto analógico e digital. Em outras palavras, é uma linguagem digital que comunica por meio de elementos multirreferenciais a vida das pessoas, estejam elas conectadas ou não no momento do compartilhamento de informações.

Entender esse sistema é o que permite as trocas culturais, ideológicas, cotidianas entre os indivíduos, mas não necessariamente, significa alfabetização dos mesmos, uma vez que essa está intrinsecamente ligada aos códigos pertencentes ao processo de escrita. No entanto, para o domínio e entendimento dos códigos sociais há o letramento, em que este “[...] consiste em um processo que se estende pela vida inteira do indivíduo e que exige dele um exercício de adaptação constante ao contexto sociocultural e às novas linguagens.” (Pischetola; Heinsfeld, 2018.)

Assim dizendo, as variações de acordo com o meio, como o digital, ou com o objeto, como a disciplina História, são aprendidas cotidianamente com abordagens para além da escrita. Isto permite que todos aprendam as ferramentas próprias dos conhecimentos a que se almeja alcançar.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, o letramento histórico ajuda “a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes.” (Brasil, 2018, p. 397), utilizando, para isso, procedimentos plurais que ajudem na produção de sentido para os alunos.

Por outro lado, o letramento digital diz respeito à condição de quem além do conhecimento técnico das aparelhagens tecnológicas, também aprendeu novas técnicas de absorção de conhecimento pelas vias virtuais. Melhor dizendo, desenvolveu suas habilidades digitais de leitura e escrita de acordo com as diferentes proposições abertas pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Para mobilizar ambas competências de conhecimento respeitando proporcionalmente o rigor historiográfico e as linguagens e tendências computacionais, se faz necessário o letramento histórico e digital uma vez que

A questão da linguagem é, contudo, um aspecto que deve ser levado em conta se o objetivo do fazer histórico no ciberespaço é atingir um público que não somente o acadêmico. Em outras

palavras, se os objetivos da história digital é atuar como mediação de diálogos, ensino e esclarecimento para historiadores e cientistas sociais de e em formação, mas também, e sobretudo, para os sujeitos comuns, para os estudantes do ensino básico, a utilização de determinados conceitos históricos precisam ser tratados de maneira didática. (MACHADO,2020)

Portanto, reforçamos aqui que eles funcionam com a síntese do letramento histórico (comunicando a realidade com uma narrativa que propõe análise crítica e conexões entre fatos e situações) com o letramento digital (transmissões utilizando as linguagens próprias das redes sociais, percepção de fenômenos e bolhas digitais, leituras dos intertextos e hiperlinks.), resultando em uma intercomunicação empregada cotidianamente que abriga em si as diversas ideologias da sociedade, servindo como fonte para reflexão acerca de grupo ou temporalidades sociais. Uma vez que os memes, assim como o texto histórico, aludem a mais do que suas formas demonstram ao primeiro olhar, incorporando em sua mensagem elementos próprios do contexto que os criou e o público a quem se destina.

## 1.2. História no Paint

História no Paint é uma página fundada e administrada pelo historiador Leandro Marin, ainda na plataforma do *Facebook*, a qual aborda conteúdos históricos com a linguagem dos memes contemporâneos, além de fazer lives e podcasts. Durante a pandemia, ela se consolidou na plataforma do *Instagram* com novos formatos para os memes, usando vídeos e tendências de outras redes sociais (como tópicos do *Twitter* e *TikTok*), construindo uma comunidade de 4.966 publicações e 649 mil seguidores.<sup>5</sup>

Leandro explicou durante a sua participação no podcast *Falando sobre propósito* do Senac do Rio de Janeiro (Senac RJ, 2023) sobre a sua trajetória e o início de sua página, quando a produção de memes nas redes sociais ainda estava se consolidando. Ao perceber que além de divertidos, os memes poderiam ajudar a lembrá-lo dos conteúdos que aprendia no pré vestibular, ele fundou a sua própria comunidade em 2016. Porém, em razão da sua preferência, passou a focar e produzir memes com perspectivas históricas. Apesar de estar fora da academia, já

---

<sup>5</sup> Números observados na data de 27/11/2024, mas que diariamente se modificam.

via uma uma possibilidade pedagógica para os memes dado o caráter sintético dos mesmos.

Assim como o próprio objeto, os usos dos memes são múltiplos. Exemplificativamente, criticar ou apoiar causas políticas, fazer uma piada, popularizar um elemento (pessoa, objeto, bordão, produção), explicar termos e/ou situações. Com isto, eles são cada vez mais apropriados por diferentes campos intelectuais dado a sua popularidade, sua rapidez de criação e flexibilidade de formatos. A título de informação, uma única imagem pode ser exibida em inúmeros memes, bem como frases e sons, se adaptando de acordo com o público-alvo, a plataforma de utilização e o objetivo a ser alcançado.

A página História no Paint, de Leandro Marin, condensa, assim, publicações afins com esta pesquisa. Foi a partir dessa observação que identificamos sua relevância como fonte primária, ao que incluímos também uma entrevista com seu administrador visando compreender melhor seus objetivos e ferramentas.

Dessa forma, foi possível obter definição sobre o entendimento do que seria um meme nas palavras de Leandro:

Os memes são uma expressão da visão de mundo dos indivíduos retratada de maneira cômica. Antes o acesso a essa expressão era reduzido há um grupo seletivo de pessoas. Hoje, com o meme, qualquer pessoa na internet pode expressar alguma visão de mundo dele e transmiti-la para milhões de pessoas na rede. (Marin, 2024.)

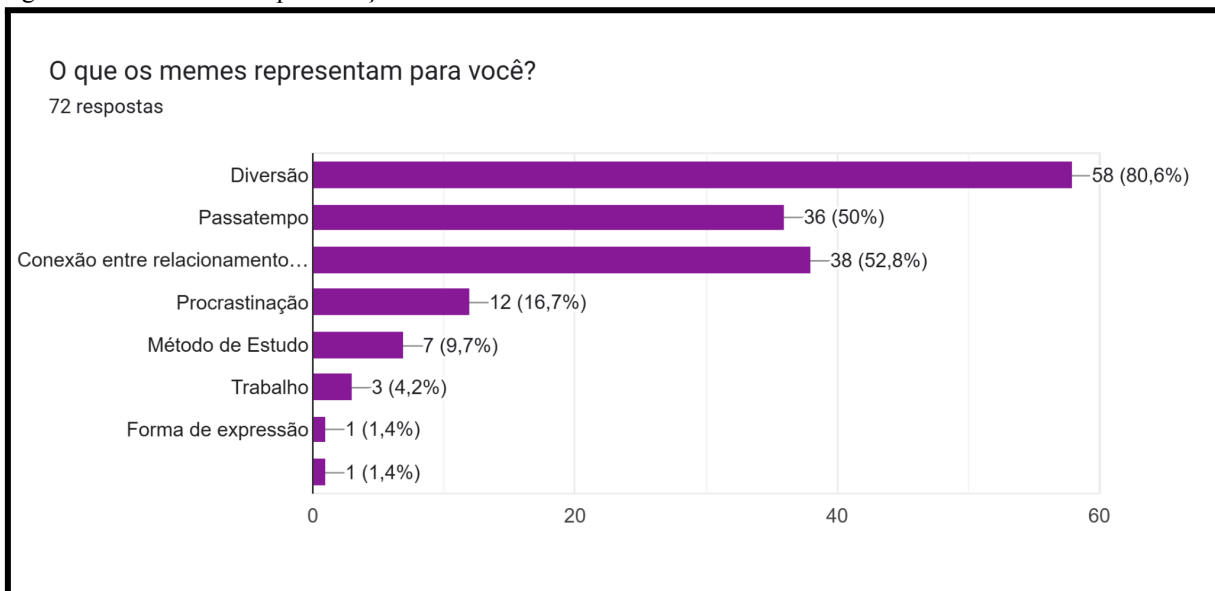
A liberdade criativa citada pelo historiador se encontra com a variedade de plataformas e sites geradores de memes existentes na atualidade com modelos editáveis dos mais famosos e de maior possibilidade de viralização. Isto, além de facilitar a criação dos mesmos, ajuda na capacidade de expressão, no senso de agência e na criação de comunidade de quem o faz. Um aluno que desenvolve tais habilidades defende suas ideias com maior fluidez, entende seu papel na sociedade e, conseqüentemente, na História. Essas competências devem ser trabalhadas na disciplina cujo cerne é preparar cidadãos com senso crítico e consciência social, por isso uma ferramenta tão completa deve sim ser exercitada no ambiente escolar.

Em complemento a este pensamento, está a capacidade de analisar rupturas e continuidades bastante necessária na investigação histórica. O aluno

estimulado a problematizar e realçar conexões históricas e não apenas decorar, será melhor sucedido em exercícios de interpretação de textos, fontes e discursos. Também, conseguirá entender e verificar dados recebidos constantemente em seu cotidiano, seja por canais de comunicação, pela grande mídia ou por parentes e amigos.

Essas ações se verificam, segundo o Formulário, nos âmbitos em que os memes mais são empregados. A maior parte das respondentes qualificam tais peças digitais como o símbolo do seu momento de divertimento e uma forma de manutenção dos seus relacionamentos, já que incitam conversas e podem reviver memórias e traduzir sentimentos.

Figura 5: Gráfico sobre representação.



Fonte: A autora via Google Formulários.

Entretanto, a ideia de procrastinação também aparece, sinalizando uma das empregabilidades negativas dos memes. Isto é, em contraponto a ideia de passatempo, ultrapassando o limite do divertimento, essas peças digitais são usadas como evitação de compromissos, ou seja, a procrastinação em seu sentido mais pejorativo, como o *modus operandi* de fuga da realidade em que se vive.

Como já mencionado, eles são adaptados em prol da mensagem a ser enviada entre o locutor e as pessoas as quais se pretende influenciar, trazendo ares de convencimento por detrás de uma distração. Essa funcionalidade, infelizmente é adotada também para perpetuar estereótipos e preconceitos com o subterfúgio de ser uma ‘brincadeira tirada de contexto’. Essas estratégias evidenciam que assim como outras fontes, os memes podem simplificar questões complexas,

abordar temas históricos sem o rigor necessário para a disciplina, deturpar ideologias. Em outras palavras, a pluralidade das peças digitais tanto pode ser adaptada em benefício do conhecimento ou em malefício ao ambiente virtual seguro e respeitoso. Esses objetos quando destinados ao ensino, como nos casos analisados por essa pesquisa, precisam de um acompanhamento pedagógico adequado para evitar interpretações errôneas e entender de maneira ampla e crítica sobre as referências que formam o meme, seu formato e a mensagem principal omitida.

Durante a quarentena, em 15 de junho de 2020, o próprio Leandro se ausentou das redes sociais para se distanciar das notícias terríveis que o assolavam. Ele, como administrador da página, via todas as discussões e comentários em suas publicações, tendo contato direto com os defensores da necropolítica<sup>6</sup> que dominava o país. O trabalho de mediação dele ocorre tanto na parte pedagógica na transformação dos memes comuns em ferramentas para o ensino de história, quanto na construção de uma comunidade tolerante com opiniões distintas da própria.

Porém, não só de polarização vivia a internet neste período, postagens com alternativas promovidas por professores como a viabilização de eventos conectando as pessoas, fóruns e recursos didáticos produzidos durante esse tempo foram amplamente divulgadas.

Por exemplo, em 24 de agosto de 2020, Leandro publicou um post no Instagram da página exaltando o lançamento de um artigo científico em que seus memes eram analisados. Na legenda, ele perguntou se os professores que o acompanhavam nas redes sociais usavam memes em suas aulas, suscitando interação com seus seguidores. O resultado alcançado foi positivo, graças aos comentários em que muitas pessoas afirmaram que já usaram ou viram a aplicação deles, inclusive fora do campo da história.

Além disso, ele compartilhou cerca de um mês depois os relatos de professores que o seguiam, o primeiro de uma professora que admitia a dificuldade do trabalho pedagógico remoto e a aplicação dos memes como

---

<sup>6</sup>O termo Necropolítica foi cunhado por Achille Mbembe e diz respeito às políticas sistemáticas de agressão, segregação e aniquilação de grupos minoritários. Para uma exploração mais detalhada, consulte: IGNACIO, Julia. Necropolítica: explicamos o conceito de Achille Mbembe. **Politize!.** 30 de jul. 2020, Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/> Acesso em: 26/04/2024.

alternativa para suas aulas para o 9º ano do ensino fundamental e do professor que elaborou um simulado de História com memes da página.

As potencialidades do meme se adequam conforme o uso pretendido, respeitando a natureza plural do próprio objeto. No primeiro exemplo a professora precisava aumentar a interação com seus alunos, por isso colocou nas vídeo-chamadas para iniciar diálogos e introduzir o tema da aula. Uma outra viabilidade é o uso feito pelo segundo professor, a elaboração de simulados, provas e exercícios de revisão. Desta forma, as discussões feitas em aula são lembradas por eles na prova, trabalhando as competências de leitura crítica, conexão entre fatos históricos, análise das rupturas e continuidades presentes na História e na sociedade.

Ambos os exemplos foram ratificados pelas respondentes do Formulário organizado quatro anos depois. Na questão sobre como as pessoas utilizam os memes em seus trabalhos, a maior parte das respostas foram afins com as relatadas pelos professores, relacionando as características já mencionadas no capítulo de diversão, proximidade linguística e de contexto com o receptor, exemplificar questões e iniciar discussões.

Contudo, diferentemente dos comentários na publicação, a relação entre pessoas que operam com os memes como ferramentas pedagógicas foi negativa, em que apenas 44,3% das pessoas poderiam compartilhar sua experiência. Isto demonstra que apesar de ser um tema de grande difusão nas conferências sobre educação na pandemia, ainda não foi executada amplamente nos espaços escolares. Em sua dissertação, Cintia de Abreu sinalizou sobre como alguns fatores impedem que os professores em exercício da educação básica enviem suas inovações para a academia em forma de conhecimento científico. O que aumenta a lacuna entre a discussão acadêmica e a implementação educacional, reforçando uma hierarquização entre os trabalhos de pesquisa e ensino que ainda não são totalmente vistos como partes complementares do ofício do historiador.

Como base teórica desta pesquisa, foram utilizados artigos de professores da educação básica acerca da própria experiência na implementação dos memes nas suas atividades em sala de aula e avaliações, com o objetivo de ponderar a viabilidade e a legitimidade destes genes culturais enquanto ferramentas pedagógicas.

Em busca do estabelecimento de uma rotina acadêmica em meio à instabilidade provocada pela pandemia, a saída dos professores foi reinventar seus



métodos, buscando nas redes sociais alternativas ao ensino à distância. Leandro Marin observou que

[...] a pandemia forçou a educação a olhar mais para o mundo digital e que de fato muitos professores conseguiram aplicar novas maneiras de ensino e melhorar os resultados em sala de aula. Olhando para o ponto de vista didático, acredito que muitas coisas melhoraram. (Marin, 2024)

Dessa forma, os memes foram aplicados como ferramentas pedagógicas pelas características já examinadas nesta pesquisa. “Além disso tudo, hoje, o meme tem um papel extremamente importante em vários setores da sociedade: publicidade, campanhas políticas, educação etc.”, como continua Marin, ao se disponibilizar a procurar novas metodologias, os historiadores-professores realizam a transdisciplinarização da História, modificando o próprio campo ao mesmo tempo que exercitam a docência.

Ao longo deste capítulo, trouxemos definições para o termo meme a partir de uma breve discussão bibliográfica sobre suas variações no tempo e área de conhecimento, além das interpretações das pessoas que o estudam e das que o consomem. Suas características plurais foram elencadas com o suporte do Formulário, bem como as potencialidades que foram experienciadas por historiadores que aplicaram em suas turmas. O meme se configurou na ferramenta pedagógica que conectou os alunos com seus professores, mostrando aos últimos em quais culturas estão inseridos. É necessário, no entanto, uma análise mais aprofundada sobre o campo do Ensino de História.

## 2

**Ensino de História é fácil! (é verdade esse bilhete)**

A História teve a sua consolidação enquanto disciplina acadêmica no Século XIX, e assim como outras áreas do conhecimento, precisou estabelecer limites do que não era a fim de legitimar-se como ciência. Esse procedimento valorizou a matéria e seus profissionais ao longo dos séculos, forjando metodologias próprias, correntes de pensamento, rigores necessários para o exercício de sua escrita.

Entretanto, a limitação de seus temas de abordagem, trouxe rigidez e desequilíbrio entre seus agentes. A forma como a História é escrita, lida e compreendida depende de fatores que são flexíveis, complementares ao mesmo tempo que são independentes e diametralmente opostos. Ivan Jablonka no seu livro *A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais*. (Jablonka, 2020), discute até que parte a delimitação do campo não a coíbiu de agregar para si novas abordagens, as quais aprofundariam o debate crítico tão necessário à sua existência.

Para o autor, “O texto histórico comunica com o que está fora do texto, ou seja, não somente com as provas materiais (ossadas, moedas, ruínas, arquivos), mas com a realidade da qual é testemunha.” (Jablonka, 2020, pág 18), nesse ponto encorajamos uma atualização em prol do objeto em que está sendo explorado. As provas materiais do historiador na atualidade incluem artefatos tanto esses mencionados pelo autor, quanto cartas, jornais, produções culturais (como músicas, charges, textos) e objetos digitais. Neste último, estão englobados os que foram digitalizados e os que já nasceram virtuais, como os memes.

O ensino, por sua vez, começou a ser debatido na década de 1930, com o esforço dos pesquisadores do Movimento Escola Nova, os quais advogavam por uma escolarização mais democrática que visava a autonomia do educando, respeitando suas individualidades e incitando a sua experimentação. Uma amostra do que são as metodologias ativas na contemporaneidade. Entretanto, o campo somente se consolidou a partir da década de 1980, momento em que começaram a produzir cursos específicos para tratar sobre os modos de se ensinar a História. Esse atraso na definição acadêmica da área reforçou a desvalorização e

hierarquização entre ensino e pesquisa, a qual Ilmar Rohloff de Mattos busca transpor ao conduzir

[...] ao estabelecimento de uma relação específica entre as duas práticas do fazer historiográfico, porque a condição para quem ensina história se tornar um autor reside, antes de tudo, na leitura dos textos dos que escrevem a história, a produção historiográfica. (Mattos, 2007, pág. 12)

Apesar de ser importante historicizar o ensino de História como parte da própria História enquanto disciplina, defendemos que a pesquisa e o ensino são partes complementares do ofício do historiador, exigindo competências que são diariamente aperfeiçoadas profissional e pessoalmente. Ao ponderar sobre a reflexão didática, Luis Fernando Cerri indica que

[...] temos que a disciplina científica, a disciplina escolar e o conhecimento histórico são o conjunto de formas até certo ponto hegemônico pelo qual nossa sociedade se representa em função do tempo. Essa representação ou conjunto de representações contemplam uma série de necessidades sociais como integração social, identificação, legitimação, reprodução de princípios e valores de uma geração a outra, e assim por diante. O princípio da condição didática de uma reflexão do historiador está nisso: considerar que o seu trabalho e o resultado de seu trabalho inserem-se numa dinâmica social da qual ele participa como sujeito, sobre a qual ele não tem controle individual, porque essa dinâmica o constituiu antes que ele fosse um historiador. (Cerri, 2013, pág. 30-31)

A digitalização do mundo, a qual conduz o desenvolvimento humano desde a virada do milênio, traz consigo incitações aos historiadores para o exercício das habilitações de licenciatura e bacharelado ao estabelecer novas possibilidades para a apreensão da História. A disciplina já sofria este grande abalo em suas estruturas quando se deparou com a Pandemia e a implementação de um ensino à distância de caráter emergencial.

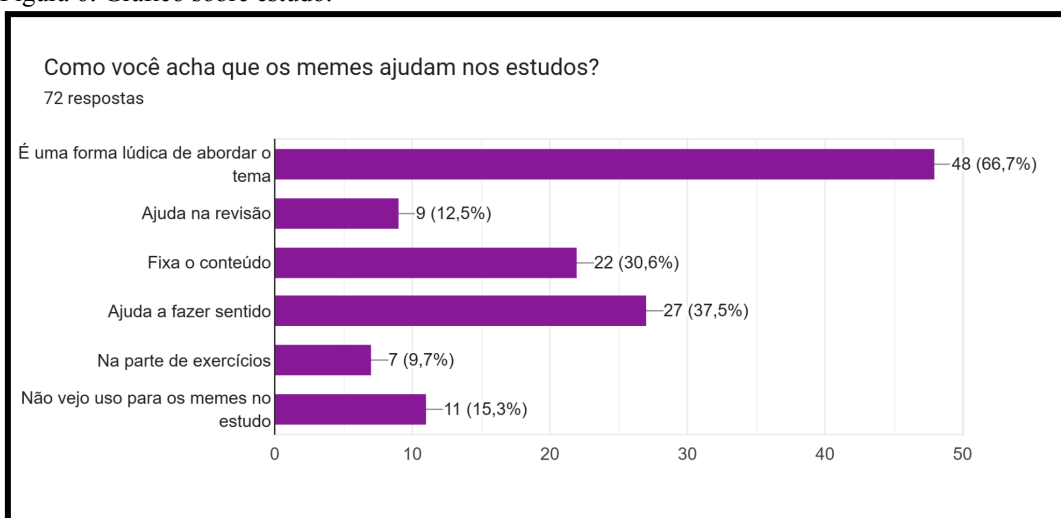
Seja na concepção tradicional ou nas metodologias ativas, o aspecto presencial estava no cerne do processo de ensino-aprendizagem. A presencialidade do ensino contempla leituras do corpo discente as quais não são possíveis virtualmente, como por exemplo, o mapeamento das pessoas na sala para verificar os locais mais confortáveis a elas e suas interações com os colegas ao lado, o nível de assimilação dos alunos conforme a explicação dos conteúdos e as dúvidas de um que acabam respondendo a todos, a atmosfera da aula para

entender como fisicamente e emocionalmente a turma se sente no momento e a amabilidade construída no convívio diário.

Todavia, é necessário neste momento um parêntese explicativo. Apesar de elencarmos o ensino presencial como uma experiência completa da docência, não estamos hierarquizando esse modelo com a educação à distância ou na formatação híbrida. Todas as modalidades apresentam vantagens e desvantagens em suas aplicações, nossa diferenciação é pelo modo abrupto em que foi incutido o modelo não presencial para a educação básica e superior sem os devidos cuidados e rigores que a educação à distância requer.

Quando a parte do contato físico é suprimida da equação em razão do isolamento social, a busca por alternativas metodológicas não é mais uma variação no modelo de ensinar, mas sim a necessidade de se manter unido ao alunato. A seleção dos memes como elo do relacionamento entre professor e aluno ocorreu pela constante presença dos mesmos no cotidiano de ambos. Pelas características mencionadas anteriormente, essas peças digitais foram utilizadas no primeiro momento como chamariz dos alunos pela diversão que trazem em seus formatos. O gráfico a seguir demonstra as funcionalidades que foram descobertas conforme os usos pedagógicos da linguagem memética durante e após a pandemia.

Figura 6: Gráfico sobre estudo.



Fonte: A autora via Google Formulários.

De acordo com 66,7% das respondentes do Formulário, os memes servem como abordagem lúdica ao tema, uma forma de iniciar os debates de maneira descontraída, combinando os estímulos visuais do seu cotidiano com conteúdos a

serem abordados em sala de aula. Para eles, o uso de uma linguagem mais informal facilita a absorção do conteúdo, uma vez que a familiarização ocorre quase que instantaneamente pelo reconhecimento das mídias às quais estão acostumados em seus momentos de lazer. A maioria das pessoas que marcaram a opção “Ajuda na revisão”, a conciliaram com a ideia de “fixa conteúdo”, atestando que a aplicação deles na discussão auxilia na memorização dos temas na revisão para exercícios e avaliações.

O ponto de maior relevância no gráfico diz respeito à percepção implícita na opção “Ajuda a fazer sentido”. Corroborando com o argumento de educadores os quais fundamentam que o ato de ensinar deve ter nexos com as situações vividas ou a serem vividas pelo educando.

A História é construída com base nas escolhas diárias que constituem e transformam as sociedades, com seus sujeitos munidos do que se convencionou chamar de agência histórica. Sua definição versa sobre o conjunto de ações socioculturais, políticas e econômicas que ditam as capacidades humanas de transformar, interagir, agir e resistir a eventos, ideias e personalidades. Reconhecer e valorizar a agência histórica dos alunos é legitimar a sua existência enquanto sujeito da História, colocando nas mãos dele o poder de transformar a própria vida e a dos seus.

Isto precisa ser desenvolvido desde a tenra infância para que se desenvolva um adulto consciente de seus direitos e deveres. Em consequência, seu ensino da História deve promover reflexões sobre suas vivências, para que sua agência seja exercida da melhor forma possível, precisando que as pautas trabalhadas pelo professor sejam coerentes com a sua cosmo percepção do mundo, compreensíveis à sua realidade, mesmo que estejam distantes em tempo-espço.

Essa aproximação com o educando, é a pauta da qual Paulo Freire defende de que o ensino é parte do cotidiano prático do educando, no caso da História, as questões são inerentes ao processo de inserção e interação na sociedade. Após a internalização pessoal de sua agência histórica, a percepção da interligação de eventos da história é mais facilmente produzida. Essa capacidade de compreender a interdependência dos fatos com as rupturas e continuidades próprias da História é chamada de consciência histórica, permitindo o reconhecimento do impacto do passado nas demandas do presente e as possibilidades que se abrem para o futuro.

Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire ao criticar o método tradicional, chamado por ele de ensino “bancário” em relação ao depósito do conhecimento na

cabeça destituída de saberes do aluno, define a consciência histórica da seguinte forma

A opressão, enquanto impedimento à plena realização do ser humano, é historicamente construída. E a conscientização dos oprimidos é uma das formas de superação dessa opressão, uma vez que ela implica a compreensão da realidade social e histórica, levando os homens a perceberem-se como sujeitos da história. (FREIRE, 1970)

A produção de conhecimento na escola é tão importante e qualificada quanto a produção acadêmica. Não há hierarquia ou desqualificação em relação a qualquer um desses locais, apesar do que ainda falam acerca da superioridade acadêmica. Há diferenças naturais devido aos seus objetivos, mas isso não é um desequilíbrio técnico/qualitativo. Como salienta Cerri,

O menoscabo do ensino de história pelos historiadores pode ser resultado de um esforço de manutenção do próprio status social, associando o trabalho na escola com crianças e adolescentes a uma espécie de “trabalho manual” com a História, enquanto o trabalho com arquivos, interlocução científica e aulas para aprendizes de historiador seria um trabalho mais nobre e enobrecedor. (Cerri, 2013, pág. 33)

Ou seja, o rebuscamento e a rigidez nos quais a academia se pauta não são sinônimo de uma excelência metodológica. Uma mensagem simples entregue com responsabilidade e boa argumentação é de igual valor educacional, por isso que as novas ferramentas didáticas, sejam elas digitais como os memes ou as que rompem com o modelo tradicional de ensino, são alternativas rentáveis para uma aprendizagem mais dinâmica, uma vez que promovem certa afeição para com seus ouvintes (alunos, pares e leigos) e permite a pluralização das vozes nas quais a História é emitida.

Uma das principais contribuições de Paulo Freire na educação foi a atenção ao escutar. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, ao trazer proposições sobre o que é ensinar, o autor comenta sobre a importância do saber ouvir para que haja a mudança do seu discurso a fim de que a mensagem chegue no receptor.

Para o autor,

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como

sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (Freire, 1996, pág 74)

O ensino é formado pelo do que se fala e pelo modo em que se fala. A ideia do falar **com** alguém equilibra a relação educador-educando, uma vez que pressupõe um locutor e interlocutor, ou seja, uma relação de comunicação de uma pessoa aberta a compartilhar os seus saberes em companhia de outra igualmente disponível para compreendê-lo e discuti-lo.

Perceber que os estudantes nasceram na era digital, conforme coloca o documento, é perceber que precisamos rever nossas próprias verdades previamente estabelecidas, acreditar na negociação, sabendo colocar limites, mas permitindo também a manifestação de subjetividades distintas das nossas – nem por isso melhores ou piores. (Costa, 2019, pág 29)

Contudo, de maneira alguma essa adequação de linguagem significa uma simplificação da complexidade histórica. Isto diz respeito a escolha do profissional, não é algo da ferramenta utilizada, podendo uma fonte documental não ser problematizada em toda a sua construção por negligência do olhar atento do historiador. A adaptação a grupo, idade, formato e/ou veículo de divulgação é um exercício da escrita da História, as possibilidades de propagação da disciplina.

Uma vez que

[...] o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo, qualificando-o para ser, dentro deste processo, um cidadão pleno, consciente e preparado para as novas relações trabalhistas. Para que isto aconteça, este ensino deve estar em sintonia com o nosso tempo. (Ferreira, 2007, pág 146)

É preciso reconhecer as demandas atuais da sociedade para demarcar paralelos com a História. Do mesmo modo que são os dilemas do presente que instigam as perguntas dos historiadores em seu trabalho historiográfico, na forma como encara as problemáticas e interage com as fontes, são as pautas da contemporaneidade que despertam os alunos para a necessidade do ensino da disciplina. Entender como estão inseridos na sociedade, quais suas reivindicações enquanto indivíduo e/ou nos grupos os quais se sentem pertencentes é perceber que o conhecimento histórico é construído em comunhão, na medida que a

especificidade da disciplina História é a pluralidade, o sentir representada pelas diversas alteridades.

As possibilidades do trabalho com os memes, com as ferramentas digitais em sua integralidade, vão para além da conexão via linguagem para com nossos alunos, compartilhamos com Anita Lucchesi a ideia de apesar de avançarmos muito no debate sobre uma historiografia digital, ainda não a contemplamos criticamente enquanto sociedade. Em outros termos, a

Nossa compreensão é a de que existem potencialidades inexploradas no meio digital, que vão muito além de simplesmente comunicar, acessar e processar dados: novos sentidos são criados em cada relação tecnologicamente mediada – sentidos retóricos, políticos, históricos. Isso faz com que se torne cada vez mais necessário buscarmos um processo real de letramento digital [...]. (Lucchesi, 2014)

Portanto, reiteramos que a atualização das discussões da História sobre a Era Digital e o fazer historiográfico deve ser um movimento de todos, agregando teoria e prática com quem a pesquisa, escreve, executa e apreende. Os memes entram nessa perspectiva enquanto experimentação do mundo virtual na compreensão dos tempos do mundo físico, na perspectiva inter e transdisciplinar do saber escolar.

Isto, trazendo para o campo da História Pública, traça a premissa de que a História deve ser COM, POR e PARA seus interlocutores, adaptando as questões históricas para suas linguagens e formas de apreensão. Ampliando, assim, os atores da produção historiográfica e de patrimônio cultural. Este campo, de acordo com o que Juniele Almeida e Marta Rovai, salientam

[...] fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. (Almeida; Rovai, 2013, pág 2-3)

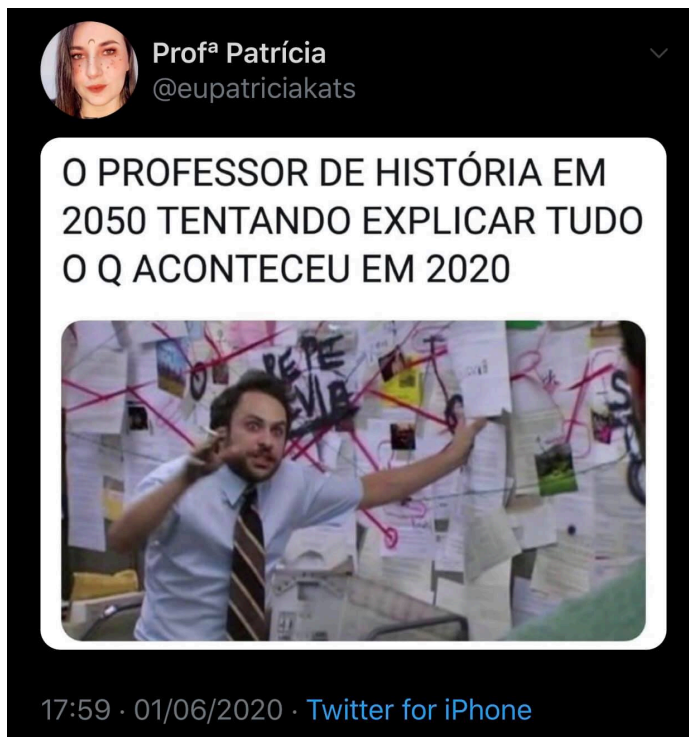
Tal qual a transposição das linguagens visando a divulgação histórica, os memes, já consistindo enquanto linguagem digital, compartilham da mesma capacidade de serem feitos com muitos referenciais e de propriedade pública, também atentos aos processos sociais que se mudam e tensionam constantemente.



Como essas transformações dizem respeito ao corpo social como um todo, suas instituições e concepções são atingidas e, concordante com as reflexões feitas até aqui, o modo como se entende, ensina e escreve a História são alterados no contato das produções acadêmicas com o público em geral e suas demandas coletivas.

## 2.1 Ofício do Historiador

Figura 7: Meme do Historiador.



Fonte: Meme publicado em 01/06/20 e retirado da página *Aquela História* via Facebook.

Muito se falou do ofício do historiador durante a pandemia, seja para falar sobre a situação da educação ou em memes em que a ordenação dos fatos pareciam a explicação de uma teoria da conspiração, vide meme que introduz a subdivisão do capítulo. Novamente, talvez de forma inconsciente, a profissão do historiador foi equiparada com a de detetives, na busca por conexões entre os fatos.

Como visto, a historiografia ao mesmo tempo que foi tratada com graça, recebeu um reconhecimento da sociedade, em que as pessoas diziam ter pena dos historiadores, dado que escrever a História enquanto se passa por uma crise mundial não seria um trabalho descomplicado. Pelo contrário, como em outros momentos de adversidades, o instinto natural era de se salvar e quando seguro documentar as situações ou memorizar para depois escrever com detalhes as

tensões vividas, ressignificando assim seus métodos costumeiros de pesquisa, escrita e trabalho.

Embora tivéssemos no Brasil um presidente com o qual a categoria História e a disciplina em si foram desacreditadas e atacadas, a população em geral por meio de memes se solidarizou com o ofício de tantas pessoas. Esta ciência de escrever (e reescrever) a História para a posteridade sem a visão de uma verdade absoluta, mas sim dando conta de toda a pluralidade em que a pandemia se colocava, com suas questões sanitárias, sociais, políticas, de gênero e mentais de todo o globo, não só do Brasil, desenvolveu um conjunto de perspectivas sobre o evento, criando assim histórias das pandemias.

No capítulo em que Pablo Rivera-Vargas discute com Neil Selwyn, Ezequiel Passeron e Raquel Miño-Puigcercós sobre digitalização, dataficação e inteligência artificial na educação, são levantados pontos importantes sobre o impacto da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. Além de enfatizar a necessidade de uma empatia digital para se aproximar dos alunos e ser sinceros para com eles sobre as dificuldades de um ensino em situação de emergência, eles resumizam o trabalho do educador em que

Como docentes no debemos tener todas las respuestas, sino más bien ser críticos en las preguntas y valientes para poder alzar la voz, buscando en el diálogo los posibles caminos para desentramar la complejidad del momento actual. A su vez, la formación del alumnado no puede estar desvinculada de sus propias experiencias fuera de las aulas, puesto que es imprescindible que desde las universidades se contribuya a la comprensión de lo que sucede en el mundo.<sup>7</sup> (Selwyn *et al.*, 2022)

Durante o período pandêmico, muitos educadores precisaram trabalhar com tecnologias sem o devido preparo prévio para isso, os poucos que tiveram esse treinamento dividiram seus conhecimentos, mas mesmo assim enfrentaram dificuldades em suas casas, no uso próprio e na implementação com suas turmas. O diálogo suscitado pelos autores possibilitou que o letramento digital fosse transmitido em prol do conhecimento. No decorrer das aulas alunos e professores se portavam alternadamente como mestres e aprendizes.

---

<sup>7</sup>Tradução livre: "Como docentes, não devemos ter todas as respostas, mas sim ser críticos nas perguntas e corajosos para levantar a voz, buscando no diálogo os possíveis caminhos para desentramar a complexidade do momento atual. Por sua vez, a formação dos alunos não pode estar desvinculada de suas próprias experiências fora das salas de aula, pois é imprescindível que as universidades contribuam para a compreensão do que acontece no mundo."

Além disso, a possibilidade de comunicação com pessoas de localidades mais distantes, proporcionou oficinas em que tentavam facilitar a jornada educativa. Os professores e demais educadores conversaram muito sobre seus modos de trabalho durante esse tempo de crise. Com a possibilidade de encontros virtuais, as discussões ora divididas pelas regiões do país, se tornaram nacionais. Alguns dos textos lidos para a seleção da bibliografia desta monografia foram produzidos em fóruns sobre as experiências vividas em chats e plataformas.

A visão de Leandro Marin sobre o ofício do historiador na atualidade é de que

O historiador vem perdendo muito espaço na sociedade. Acredito que isso se deve ao fato da comunicação. Por uma cobrança da academia, os historiadores se prenderam muito a uma linguagem acadêmica ignorando completamente o fato que a maioria esmagadora da sociedade não conseguem acompanhar a linguagem academicista. Acredito que MUITOS historiadores têm a mesma opinião, mas por medo de serem julgados por seus pares continuam insistindo em se comunicar com as pessoas de uma maneira que não traz nenhum resultado. (Marin, 2024)

Isto é posto em cheque com a expansão da divulgação científica e histórica feita por historiadores públicos, ou seja, aqueles que estão em ambientes diferentes das salas de aula, como os órgãos públicos, museus e as próprias redes sociais. As aberturas desses mercados de trabalho exigem do profissional da História um posicionamento de receptividade com novas ferramentas, metodologias e perspectivas. O historiador deve estar disponível para atuar na função de aprendiz enquanto concomitantemente é mestre no exercício da escrita da História.

Sendo assim,

[...] o papel do docente se direciona não apenas à compreensão e disseminação desses assuntos, mas também, aos novos temas e conhecimentos contextualizados, com os quais os alunos se deparam em meio a tantas possibilidades proporcionadas pela hipermídia. (Moreira, 2012, pág. 5)

O que rompe com a visão tradicional do ensino de que o educador é o detentor do saber e os alunos são passivos na aprendizagem. É justamente para o reconhecimento da agência do alunato que se propõe as novas metodologias do ensino, e mais especificamente, o uso de memes no processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, apesar de ser uma visão poética, defendemos que o ofício do historiador em tempos de crise é o compromisso da devoção. É a ação de escrever. Claro que com parcialidade e subjetividade próprias do indivíduo, visto que são as perguntas do presente que movem as perguntas feitas pelos historiadores e o presentismo conta com essa passionalidade, mas é uma posição de tornar aquilo que se escreve para si e para os outros que descendem uma narrativa coesa de entender as ações humanas. A historiografia em tempos de crise são distintas das normalmente construídas, portanto, é fundamental entender como o pandemia da Covid-19 afetou o ensino de História.

## 3

## Quarenteners

Figura 8: Meme Lula Molusco.



Meme publicado em 04/04/20 e retirado da página *História no Paint* do *Instagram*.

As análises de memes realizadas neste capítulo serão feitas com o maior rigor possível em respeito aos familiares dos mais de 714.114<sup>8</sup> brasileiros que faleceram durante toda a pandemia. O panorama sobre o contexto brasileiro apresentado aqui seguirá o recorte temporal da monografia, ou seja, analisará os anos de 2020 a 2022.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Covid-19 é uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, o qual contamina as pessoas a partir de contato próximo, uma vez que se espalha pelo ar. Seus sintomas mais comuns são febre, tosse, dificuldade de respirar, e sem o tratamento adequado e/ou sem a vacina (criada em 2021) pode levar ao falecimento. A enfermidade foi declarada pela OMS como uma pandemia mundial em 11 de março de 2020 e desclassificada como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 05 de maio de 2023.

<sup>8</sup> Dados atualizados sobre a doença em novembro de 2024 retirado do site <https://covid.saude.gov.br/>.

Tendo o conhecimento público acontecido somente nos primeiros meses de 2020, a Covid-19 se alastrou rapidamente pelos continentes, atingindo milhares de pessoas, o que levou a OMS a adotar medidas preventivas até a definição como pandemia global, o grau mais grave que uma doença pode atingir.

O primeiro caso confirmado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, quando pouco se tinha conhecimento do que realmente era a doença e suas profilaxias. Primeiramente, foi considerada como uma gripe que assolava pessoas que haviam viajado para países da Europa e Ásia, sendo rapidamente desmentida pelas notícias internacionais e nacionais de casos de transmissões locais e comunitárias.

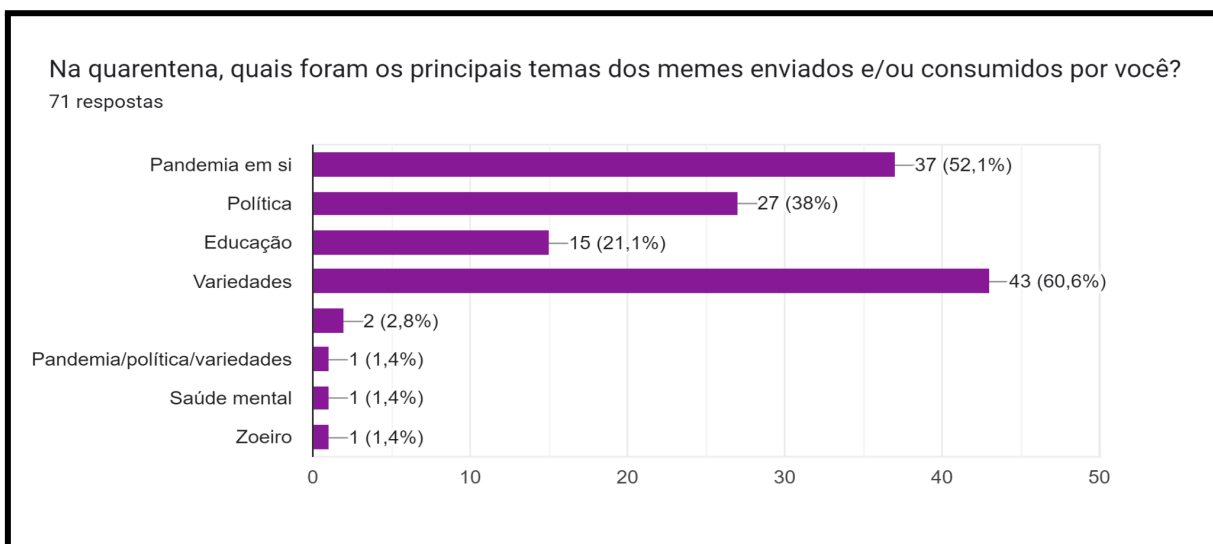
À princípio, a postura do então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, era de união com a pesquisadores e cientistas, posto que antes mesmo da confirmação de algum caso no território nacional, ele assinou uma portaria que definia “emergência em saúde pública de importância nacional, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus” (Brasil, 2020). Porém, até o fim do mandato em 2022, o ex presidente Jair Bolsonaro (Partido Liberal), trocou de ministro da saúde mais três vezes<sup>9</sup>, evidenciando o descaso com a saúde e a necropolítica adotada por ele e pelos seus partidários.

Por efeito do isolamento social, as comunidades virtuais assumiram um maior protagonismo na vida dos brasileiros. Quem já utilizava, percebeu que seu uso aumentou e quem não o fazia, aprendeu a manusear a fim de não perder contato com entes queridos, consumindo assim as ferramentas e linguagens pertencentes a elas. Este cenário proporcionou um aprofundamento no uso dos memes, os quais, segundo a amostragem a qual tivemos acesso, representaram mais do que divertimento, significou também uma forma de estreitar as conexões, o que confirmou sua diversificação de aplicações.

Figura 9: Gráfico temático.

---

<sup>9</sup> Sendo eles Nelson Teich de 17/4/2020 a 15/05/2020, Eduardo Pazuello de 16/09/2020 a 23/03/2021 e Marcelo Queiroga de 23/03/2021 a 31/12/2022.



Fonte: A autora via Google Formulários.

O gráfico acima demonstra os principais temas enviados e/ou consumidos pelas respondentes do Formulário. O primeiro emprego dos memes foi em variedades, são aqueles que ressignificam e viralizam conteúdos da cultura popular. Porém, é nítido que a discussão sobre o contexto pandêmico foi uma das maiores preocupações dos brasileiros.

Figura 10: Meme peste bubônica.



Fonte: Meme publicado em 21/03/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram, publicação original do Twitter @HistoriaNoPaint.

A página *História no Paint* publicou alguns memes que chamavam atenção tanto para o descumprimento das normas sanitárias (Imagem acima), quanto para as profilaxias como meme em alusão à célebre frase de René Descartes “penso, logo existo.” (Imagem abaixo). Ambos os memes aplicaram o

viés crítico como uma das formas de questionar e conscientizar a população sobre a crise sanitária e política enfrentada em todas as regiões do país.

Figura 11: Meme René Descartes.



Fonte: Meme publicado em 18/03/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

Essa crise política vinha sendo comentada desde a posse do presidente em 2018, cujas decisões retrógradas geraram memes que viralizaram tanto pelo conteúdo em si, quanto pelas discussões ideológicas que frequentemente ocorriam nos comentários das postagens. Em 17 de maio de 2020, Leandro Marin postou o meme a seguir com a legenda: meme que será histórico no futuro.

Figura 12: Meme do fotógrafo.



Fonte: Meme publicado em 17/05/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

O meme que tem como base uma foto marcada pela distração do fotógrafo com o que ocorre ao seu redor, sinalizou que enquanto os brasileiros apenas focaram na polarização política crescente desde a última eleição e seguiam os errôneos comunicados do então presidente que desacreditava na gravidade da doença, a pandemia assolava toda o país sem a devida atenção das autoridades e da sociedade como um todo.



Um outro exemplo que mantém a legenda “meme que será histórico no futuro” e reforça a ideia de meme enquanto fonte histórica, foi a publicação crítica feita em 08 de junho de 2020. Nela, foi possível observar a desaprovação das artimanhas governamentais que adulteravam os dados oficiais sobre a doença, a fim de deslegitimar a campanha de cientistas, médicos e da própria OMS sobre as precauções tomadas contra a pandemia. No ponto de vista internacional, o país era uma referência no controle da doença, enquanto nacionalmente as pessoas procuravam alternativas para garantir o mínimo para os enfermos, como por exemplo gás oxigênio em hospitais.

Figura 13: Meme dos Simpsons.



Fonte: Meme publicado em 08/06/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

Em razão do tema desta monografia, a discussão sobre os impactos da pandemia focará apenas no campo educacional, o que não enfraquece sua amplitude, haja vista que entendemos a escola como um microcosmos da sociedade e suas instituições.

### 3.1 Eram pra ser 15 dias, foram 2 anos

A pandemia intensificou um movimento que estava começando a ser discutido, mas que ainda não havia atingido a base da educação, sendo debatido nas academias e lentamente nas escolas particulares. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, ou simplesmente TIC's, no ensino em geral, como dito acima, era problematizado conforme ocorriam os avanços tecnológicos, mas quando a digitalização do ensino é imposta como solução ao distanciamento

social, os debates sobre implementações, metodologias e limites do uso das TIC's foram acentuados.

Em muitas escolas e universidades do país, houve um recesso de duas semanas para que a contaminação cruzada não ocorresse. Porém, à medida que o aumento de casos noticiados tanto no país quanto no mundo eram divulgados, essas duas semanas de 'pausa' se transformaram em dois anos, até a vacinação da maior parte da população. Ao longo dos meses, essa duração foi se tornando massiva para as pessoas que acabaram fazendo memes sobre o seus cotidianos e compartilhando suas experiências na quarentena.

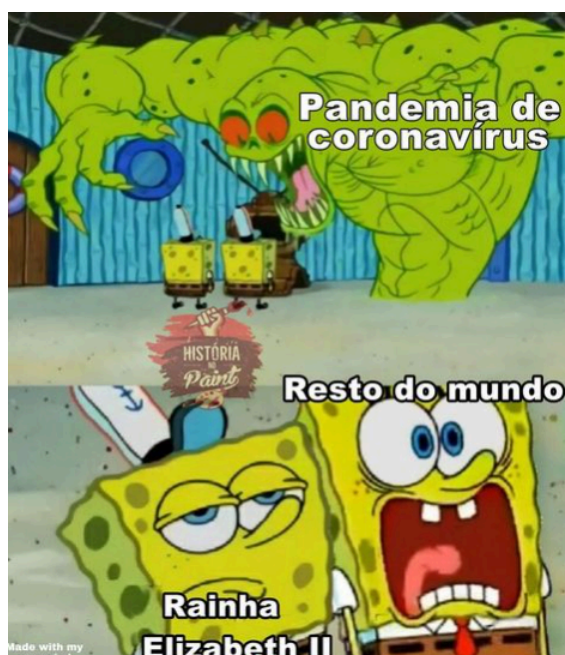
O professor doutor Viktor Chagas, vinculado à Universidade Federal Fluminense, junto com seus pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), fundaram um museu virtual especializado em memes, o #MUSEUdeMEMES, em que é possível acessar o acervo de bibliografia sobre memes em diversos contextos e coleções de exemplos notáveis. Em uma dessas coleções, está a pasta “Essa pandemia não vai durar muito tempo”, em que há amostras que compartilhamos aqui da longa duração da quarentena e da pandemia em si.

O modelo a seguir mostra a Rainha Elizabeth II<sup>10</sup>, que mesmo já em idade avançada não se assustou com o vírus, fazendo relação com a sua inabalabilidade e sua longevidade, sendo uma das referências assim como as séries, animes e obras caracterizadas como eternas. A imagem da monarca inglesa foi muito manipulada em memes de diferentes naturezas, o que aproximou os jovens de temas distantes a eles em tempo e espaço, possibilitando assim discussões sobre temáticas que pelo distanciamento do tema com o cotidiano do alunato, poderiam ser de difícil compreensão.

Figura 14: Meme Bob Esponja.

---

<sup>10</sup> A rainha faleceu após a pandemia em setembro de 2022.



Fonte: Meme publicado em 07/05/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

Como dito anteriormente, a quarentena apesar de ser um evento coletivo, foi experienciada de forma individual. O fenômeno das lives<sup>11</sup> e a popularização de redes sociais para aproximar suas relações afetivas, de estudos e/ou de trabalho, proporcionou o maior contato com as TIC's, visto que as pessoas ficavam conectadas o dia inteiro. O compartilhamento dessas vivências por si só resultou em memes, mas em relação ao ensino, muitos deles falavam sobre os planos de estudos. Como por exemplo:

Figura 15: Meme do Bart Simpson.



Fonte: Meme publicado em 08/04/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

<sup>11</sup> Transmissões ao vivo feitas pela internet, bastante populares nas redes sociais.

Este meme, ao demonstrar a interferência do coronavírus nos planos de estudo do ano de 2020, atinge alunos e professores. Os primeiros, além de perderem os conteúdos do ano letivo, perderam o espaço de sociabilidade, o que causou problemas de desenvolvimento emocional, social e psicopedagógico. Quanto ao grupo de educadores, a perda, já mencionada nesta pesquisa, de interação com seus alunos foi apenas um dos problemas. Em adição a isso, está a mudança nos cronogramas institucionais e pessoais em razão da adoção a união de anos letivos como forma de não atrasar os alunos, quebrando sequências didáticas e propostas de aulas com recursos diversificados, o que causou efeito contrário tendo vista que as matérias se sobrepuseram já que deveriam ser ministradas não mais em um ano, mas sim em um semestre.

O meme que abre este capítulo (Figura 8) é um dos exemplos dos muitos criados à época, em que a vivência e a agência histórica eram postas como cerne. Ser sujeito de um momento histórico é muito mais difícil que estudar sobre um fato histórico, conforme é possível depreender da imagem, o que permitiu aos historiadores a discussão sobre o que é agência na História, qual a importância de se entender como um sujeito e os paralelos com outros eventos, como a ligação que foi feita com a pandemia de gripe espanhola de 1918<sup>12</sup> por se tratar também de uma pandemia. Outro assunto de bastante comparação é a Revolta da Vacina de 1904<sup>13</sup>. Os movimentos negacionistas se utilizavam de fake news, argumentos vazios e imagens chocantes para tentar desacreditar os métodos de prevenção da doença, principalmente a validade das vacinas que estavam sendo viabilizadas pelos cientistas em esforço mundial. Muitos pesquisadores buscaram formas de contrapor nos principais veículos de comunicação tais inverdades e no caso dos historiadores, a comparação com o movimento antivacina foi uma saída de desmentir esses enganos.

Figura 16: Meme dos cachorros caramelos.

---

<sup>12</sup> Foi a pandemia causada pelo vírus H1N1 que atingiu um quarto da população mundial entre os anos de 1918 a 1920, seus sintomas eram tosse, febre, cansaço e mal estar geral. Como eram semelhantes à Covid-19, foi bastante lembrada e discutida.

<sup>13</sup> Foi um movimento ocorrido no Rio de Janeiro em que consistia na rebelião popular contra a obrigatoriedade da vacina contra a Varíola no ano de 1904. Encoberto pela questão da doença, havia questões políticas e sociais envolvidas.

**Movimento antivacina  
antigamente:**



**Não tomarei essa vacina, pois  
o Estado quer aplicá-la de  
maneira violenta e repressiva.  
Chega de violência estatal!**

**Movimento  
antivacina hoje:**



**Não tomarei essa vacina  
porque vi no zap que ela  
vai manipular meu cérebro**

Fonte: Meme publicado em 02/09/20 e retirado da página *História no Paint* do Instagram.

Adotando um pouco do argumento das correntes que entendem o ser humano como um agente biológico e partindo da ideia de que foi a contaminação entre humanos que elevou a doença ao nível de pandemia mundial, os historiadores se põem como o início de um novo de compreensão da jornada humana. Sendo assim, entendendo que as categorias básicas do ser humano foram afetadas, causando incerteza em sua vida e uma vontade de transformação completa de valores individuais e coletivos, é possível perceber como o modo de entender a História foi consequentemente transformado.

Em conformidade com o que analisamos, podemos entender que a pandemia foi um rasgo na temporalidade normativa<sup>14</sup> em que vivemos, uma vez que conflui em si crises de diversas naturezas. A maior crise sanitária, política, social, ideológica, econômica e temporal do século XXI até o momento.

O mundo não parou, o tempo cronológico também não, mas com a implementação da quarentena ficou visível o quanto a experiência de um mesmo evento é relativa, bem como as memórias e temporalidades. Maria Inez Mudrovcic discute as políticas do tempo e como estas se impõem diferentemente nos indivíduos.

Ser contemporâneo não é algo que tem a ver meramente com o compartilhamento de um tempo presente; também está relacionado a um compartilhamento de normas consideradas melhores do que aquelas do 'outro' que coexistem no presente, em um tempo universal 'fingido', que marca os mesmos

<sup>14</sup>Entendemos como "temporalidade normativa" o tempo segundo o calendário gregoriano, com divisão mercadológica das horas do dia e alteração diária de atividades.

horários para todos os que habitam a terra. (Mudrovic, 2021, pág 14)

A pandemia trouxe, em diversas frentes, a sensação de impotência humana sobre o controle de sua vida, seu futuro e as formas de interações com o mundo. O ofício do historiador não ficou imune à crise do tempo, ele se transforma conforme a necessidade da sociedade e da própria disciplina, pois o cerne da mesma é também a transformação da humanidade ao longo do tempo.

O argumento trazido por Ana Carolina Machado mostra a desilusão que

As crises produzem, nesse sentido, rupturas e descontinuidades em relação à forma como as pessoas se relacionam com os tempos históricos. O passado parece muitas vezes não servir como orientação, o presente parece ser algo que nunca vai passar e sobre o futuro, não se sabe bem o que esperar e ao mesmo tempo, se espera tudo. (Machado, 2020, pág. 71)

Nesse sentido, a indagação que se coloca é: seria o “novo normal” a consequência eterna da pandemia? Trata-se de uma indagação que, embora provoque reflexão relevante para o campo da História, não será debatida nesta monografia em razão de não ser este o seu escopo. Contudo, vale sublinhar que a abertura de uma ferida temporal/ nova temporalidade na qual o passado nunca se volta porque o normal se perdeu com a ruptura violenta, o presente é constantemente modificado e o futuro não existe na forma que se foi pensado.

### **3.2 Início de um sonho: dar aula x Deu tudo errado: câmera fechada e sem alunos**

A escola deveria ser o espaço em que os alunos em vulnerabilidade pudessem experimentar e usufruir da tecnologia. Conforme já mencionado, a escola é identificada enquanto microcosmos da sociedade, agregando em si os exemplos do que nela se encontra. Por isso, é no mínimo utópico acreditar que todas as pessoas da cidade do Rio de Janeiro possuem acesso à internet e dispositivos eletrônicos. A cidade, que é dividida em quatro grandes zonas, tem historicamente uma desigualdade entre seus índices de desenvolvimento humano. A instituição de quarentena expôs tal contraste, infelizmente sendo possível enxergar a desproporção entre os moradores de um mesmo bairro.

A título de exemplo, no ano de 2020 houve a adesão ao projeto de Residência Pedagógica<sup>15</sup> de História da PUC-RIO. Neste primeiro edital, a escola conveniada foi uma escola da rede municipal localizada no bairro da Gávea, não muito distante da universidade e atendendo crianças majoritariamente da comunidade da Rocinha. O começo do projeto foi adiado e somente em outubro começamos a acompanhar as aulas. Como prenunciado pelo meme que ilustra a seção, o sonho de acompanhar e aprender a dinâmica das aulas, ajudando aos alunos, foi barrado por telas fechadas e ausência de quórum.

Para além de um programa que incita uma melhor formação docente, a residência pedagógica prepara os professores-historiadores em formação para as dores e sabores do exercício de educar, o qual exige um esforço maior do que apenas transmitir conteúdos. É preciso se conectar com o educando e desenvolver suas habilidades pessoais e socioculturais, a fim de ajudar a construir um indivíduo capaz de exercer sua cidadania plenamente e com responsabilidade. Entretanto, quando o distanciamento físico impede o diálogo e as trocas de experiências e conhecimentos entre professor e aluno, há uma perturbação no fluxo de ensino-aprendizagem.

Na turma de sexto ano que acompanhamos, uma menina, contrariando as regras sanitárias, abria sua casa para que as vizinhas e colegas de classe pudessem acompanhar as aulas, fazendo de um único ‘quadrado’ a referência de três ou quatro alunos. Perguntada pela professora preceptora<sup>16</sup> o porquê de fazer isso, ela respondeu que não se importava em ajudar seus amigos, já que possuía uma boa conexão de internet e um dispositivo para acompanhar, em adição ao fato da quarentena não estar sendo corretamente respeitada na região em que moravam.

Um outro exemplo era o de um estudante que no oitavo ano dividia o aparelho celular com seu irmão do sétimo ano e sua mãe que trabalhava fora, sendo escassa a sua participação na aula e nas tarefas. Aplicativos como *Zoom*, *Google Meet* e *Microsoft Teams* consomem mais dados do que uma rede social ou aplicativo de mensagens, por exemplo, o que dificultava o acesso dos alunos, já que a prioridade das famílias era com a alimentação e higiene e não pagar um pacote de dados.

---

<sup>15</sup>O Programa de Residência Pedagógica é um programa do Ministério da Educação criado em 2018, o qual busca contribuir para o aperfeiçoamento da formação de professores da educação básica nos cursos de licenciatura, integrando-os a escolas do entorno, unindo teoria e prática educacional.

<sup>16</sup>Professora preceptora é a professora da Educação Básica na escola em que o projeto vigora, responsável por acompanhar e tutoriar o residente nas atividades práticas in loco.

A pandemia evidenciou outros aspectos da marginalização de grupos sociais que eram, de certa forma, ignorados. Para muitos, inclusive para a ONU desde 2011, ter internet é uma necessidade básica, mas como exemplificado acima, além de não ter a conexão de internet, a aparelhagem para o uso também é de difícil acesso. Sendo assim, a exclusão digital atinge, predominantemente, pessoas que já estão à margem da sociedade, adicionando mais um abismo de segregação. Visto isso, as experiências são diversas e tendo o bairro da Gávea, situado na Zona Sul do Rio de Janeiro, como um exemplo desta dicotomia, apresentamos algumas percepções sobre exclusão digital.

Enquanto os estudantes e professores da rede municipal buscavam entender as ferramentas digitais, o colegiado escolar de uma escola particular na Gávea, referenciada aqui como Escola P, a fim de preservação de sua imagem, já trabalhava com recursos digitais e metodologias ativas há pelo menos quatro anos antes da pandemia, em razão do reconhecimento internacional da importância dessas novas modalidades de ensino. Parceria com grandes instituições tecnológicas e cursos de atualização de professores culminaram no maior preparo para o ensino à distância.

Entretanto, segundo uma professora da Escola P, apesar dos seus alunos estarem mais preparados, houve pouca interação na aula, mostrando que

[...] não importa a metodologia ou ferramentas ou tecnologia de ponta que se use, se não há a presença de um professor, em uma sala de aula, orientando esse uso para o desenvolvimento pedagógico, toda a proposta educacional se perde. Tecnologia não educa sozinha, metodologias ativas não educam sozinhas, precisamos da figura ativa dos professores. (Silva, 2023)

Passada a questão da conexão, um outro dilema se impôs às educadoras, e consequentemente a nós residentes, o não uso da câmera. Utilizamos a expressão ‘não uso’ visto que foram raras as vezes que os alunos abriram suas câmeras nos encontros. Como historiadores, sabemos que o silêncio traz também um significado, a ausência de imagem marca a individualidade, o espaço, o privado daquele outro sujeito o qual nos relacionamos. Ao abrir a câmera permitimos que o público, o trabalho e a escola enquanto metonímias invadam o nosso espaço privado, nossa residência. O abrir de câmera é enfatizar que é impossível dissociar professor e pessoa, aluno e indivíduo em formação, é mostrar seus animais de estimação, sua coleção de livros, suas roupas no varal, sua família, sua casa.



O fechar, por sua vez, é a síntese da ausência de espaço físico para estudo, das interferências externas no momento das aulas, da vergonha seja do cenário ao fundo, da aparência, da falta de intimidade com a professora e os residentes. Além da questão de conexão, há questões psicológicas. É preciso afirmar que a saúde mental de grande parte da população mundial foi afetada pela pandemia, o que varia é o grau do impacto. Os professores, sejam eles em formação ou já com experiência de sala de aula, devem sempre se atentar ao que os olhos dizem, estejam eles abertos ou fechados, já que, em concordância com Leonardo da Vinci, eles são as janelas da alma e o espelho do mundo.

Leandro Marin afirma que a pandemia foi o ponto de virada da educação “no qual muitos professores se viram desesperados para dar aulas online e começaram a tentar várias alternativas e uma delas foi o uso dos memes.” (Marin, 2024). Ratificando o argumento dele estão as respostas da questão “Qual é a sua opinião sobre a aplicação de memes nas aulas, principalmente de História, feita durante a pandemia como estratégia pedagógica?”, possivelmente a pergunta com maior arcabouço para análise do Formulário. Como explicado na introdução, as pessoas que responderam o Formulário são de origens distintas, por isso que se verificou argumentos com vieses positivos, neutros e negativos a nossa argumentação da legitimidade dos memes como recurso didático.

Acaso pudéssemos eleger uma resposta para sintetizar as avaliações favoráveis dadas a essas ferramentas pedagógicas, seria a resposta que diz que

Durante a pandemia, os professores precisaram lidar - mais do que nunca - com a dificuldade de captar a atenção dos alunos, além da novidade de ensinar conteúdos de alta complexidade através no ensino (sic) a distância. Nesse contexto, o uso de memes para o ensino realizam a dupla função de chamar a atenção dos alunos, por se configurar como um elemento externo que faz parte das referências culturais dos alunos e que é muitas vezes tido como algo engraçado, e a função de analogia didática - no sentido em que estabelece uma situação análoga com o conteúdo que está sendo ensinado pelo professor, facilitando a sua compreensão. (Entrevistada 20, 2024)

As análises positivas corroboram com os elementos citados até o momento, em que o vínculo do educador com os educandos é beneficentemente reiterado por essa linguagem digital e cotidiana. A leveza dos memes foi citada para combater a apreensão que rondava o ensino durante o tempo pandêmico, alguns respondentes disseram que eles serviam para aliviar o estresse por trazer

suavidade que traz para as conversas em salas, lembrando que no período eram salas virtuais, sem quaisquer outras formas de interação.

Contudo, esta amenidade do rigor do ensino foi posta como uma preocupação por uma das que respondentes em que ela percebe a “[...] pouca problematização nos memes. Cabe ao historiador até levantar questões, aí sim poderia ser estudado como objeto. Mas não vulgarizar tanto o estudo de história, ou de qualquer outra disciplina.” (Entrevistada 55, 2024), sinalizando que há um limite entre uma abordagem mais sutil e a frivolidade na qual a memética poderia incutir nas observações históricas.

Além disso, foi observado uma objeção na aplicabilidade dos memes, pelas razões supracitadas, bem como pela resistência em aceitar novas ideias sejam elas na metodologia ou na adequação à Era Digital. Em uma resposta, a diferença geracional não foi relacionada como impeditivo ao reconhecimento da legitimidade dos memes, pelo contrário, a funcionalidade deles no processo de aprendizagem foi elogiada na comparação com uma geração mais acostumada com o uso deles no cotidiano.

Por outro lado, a atualidade dos memes, no sentido (sic) de que eles sempre, diariamente, são atualizados e ressignificados, pode ser um empecilho à ideia do uso de memes em sala de aula, visto que corre o risco de distanciar mais do que de aproximar o docente dos seus alunos. No entanto, creio que esse possível "problema" tem sua resolução na capacidade de leitura do professor do contexto e do mundo dos seus alunos (um esforço que representa, no fim, mais trabalho para o próprio professor ou professora). (Entrevistada 44, 2024)

Da mesma maneira que a aprendizagem é algo comum ao professor e ao aluno, o movimento de abertura para as novas tecnologias é tanto da área da História, quanto das pessoas que a constroem, os historiadores e seus agentes. Novamente, reiteramos que o meme não traz em si uma qualificação, ele é moldável e isto pode, como já dito anteriormente, ser contraproducente com os princípios educativos. A mediação na aplicação deve ser feita com responsabilidade e atenção para que essa estratégia não pareça desconectada da proposta da aula e nem depreciativa de algum modo.

## Considerações Finais

Em virtude das características supracitadas dos letramentos histórico e digital e do caráter dos memes que elencamos, demonstramos que eles possuem as propriedades necessárias para serem utilizados como recurso pedagógico no ensino de História. Os memes possuem pluralidade de formatos, o que influencia na sua intertextualidade e no referenciamento cultural, facilitando a sua propagação em meios de comunicação.

A hipótese aqui executada foi a de que os memes possuem legitimidade enquanto ferramentas pedagógicas para o Ensino de História, uma vez que promovem reconhecimento de padrões sociais e consciência histórica. Para tanto, foram usadas diferentes abordagens a fim de compreender todas as suas aplicações. A primeira fonte foi a página *História no Paint* em sua completude, em que obtivemos uma entrevista com seu administrador e memes sobre a pandemia, publicados no recorte dessa pesquisa e cujas análises auxiliaram na compreensão sutil e rápida dos temas por parte dos educandos. Complementando essas noções, foi feito um formulário a fim de atestar qualitativa e quantitativamente a capacidade educacional dos memes que contou com a participação de educadores e de consumidores de memes.

Ao longo dos três capítulos desta monografia, cujos próprios títulos eram memes<sup>17</sup>, foi apurado o incremento do uso de memes no ensino de História em relação ao período pandêmico, em que as aplicabilidades se divergiram do uso recreativo dos mesmos. Com o passar dos anos e a discussão feita por historiadores-professores, esses objetos digitais foram entendidos como recursos linguísticos culturais maleáveis, os quais, assim como outras fontes, necessitam de mediação pedagógica a fim de respeitar o rigor histórico necessário quando utilizado didaticamente para a educação histórica. Sendo assim, a legitimidade enquanto ferramenta no processo de ensino-aprendizagem se confirmou, transformando a hipótese em argumento verificado metodologicamente.

Quando um tema como este é trabalhado, inevitavelmente algumas lacunas se criam. Tratar sobre a pandemia é, como já mencionado neste trabalho, reviver memórias dolorosas, que mesclam percepções individuais e coletivas sobre um tempo cronologicamente único, mas culturalmente múltiplo. Entretanto, essa

---

<sup>17</sup>Memes: Nunca vi, nem usei, só ouço falar; Ensino de História é fácil! (é verdade esse bilhete); Quarenteners; Início de um sonho: dar aula X deu tudo errado: câmera fechada e sem alunos.

pluralidade pode e deve ser abordada de acordo com as suas características e este trabalho buscou analisar o seu impacto no Ensino de História. A escolha de uma bibliografia produzida concomitantemente com a experiência da pandemia reduziu uma observação do aprofundamento da questão memética na educação, possibilitando a continuidade da pesquisa em circunstâncias mais específicas como especializações e mestrado. Do mesmo modo, há a viabilidade de examinar o tema em cooperação com outros campos do saber, inserindo-se profundamente na área das Humanidades Digitais e suas práticas.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Cíntia Beñák de. **Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II**. 2020. 185f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. A História Pública: entre as Políticas Públicas e os Públicos da História. In: Xxvii Simpósio Nacional De História - Anpuh, 2013, Natal. Xxvii Simpósio Nacional De História. Natal: Anpuh/Ufrn, 2013. V. 1. P. 1-1.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 188, de 03 de fevereiro de 2020**. Brasília, 2020.
- CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador : EDUFBA, 2020.
- CERRI, Luis Fernando. O historiador na reflexão didática. **História & Ensino**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 27–47, 2013.
- COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de História e historiografia escolar digital**. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de PósGraduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007 [1976].
- FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a incorporação às novas Tecnologias da Informação E Comunicação: Uma Reflexão. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

IGNACIO, Julia. Necropolítica: explicamos o conceito de Achille Mbembe. **Politize!.** 30 de jul. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/> Acesso em: 26/04/2024.

JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais.** Brasília: UnB. 2020. páginas 11 - 36.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo. Estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **BOLETIM HISTORIAR** , v. 1, p. 45-57, 2014.

MARIN, Leandro. **Entrevista concedida a Esther Santos Santarém Magalhães do Nascimento.** Rio de Janeiro, 22 ago. 2024.

MACHADO, Ana Carolina. “História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores.” **Aedos**, vol. 12, no. 26, 2020, pp. 69 - 99.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 45-62, jul./set. 2007.

MOREIRA, Carla. **Letramento digital: do conceito à prática.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_051.pdf](https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_051.pdf).

MUDROVCIC, María Inés. The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?, **Rethinking History**, 23:4, 456–473, 2019. .

PISCHETOLA, Magda.; HEINSFELD, Bruna Damiana. **“Eles já nascem sabendo!”: desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional.** 2018.

SELWYN, N.; et. al. Por qué no todo es (ni debe ser) digital? Interrogantes para pensar sobre digitalización, datificación e inteligencia artificial en educación. In: RIVERA-VARGAS, P.; MIÑOPUIGCERCÓS, R.; PASSERÓN, E. (org.). **Educar con sentido transformador en la universidad.** Barcelona: Octaedro, 2022. p. 137-147.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts : MIT Press, 2013.

SHIFMAN, Limor. Este artigo é uma republicação do segundo capítulo do livro Memes in Digital Culture publicado por MIT Press, em 2014, ainda inédito em português. Tradução de Viktor Chagas.

SILVA, Jessicka. **Entrevista concedida a Esther Santos Santarém Magalhães do Nascimento**. Rio de Janeiro, 29 mar. 2023.

**Podcast: Memes: o futuro da linguagem?** | Falando de propósito| Podcast Senac RJ temporada 1, episódio 1. Produzido em: 08/08/2023. Acesso em: 24/05/24 com Leandro Marin, Julio Sá (@carioquicenegra) e Jacy Lima (@thejacy)

## Anexo 1 - Entrevista Leandro Marin

MARIN, Leandro. Entrevista concedida a Esther Santos Santarém Magalhães do Nascimento. Rio de Janeiro, 22 ago. 2024.

*Como você entende os memes?*

“Os memes são uma expressão da visão de mundo dos indivíduos retratada de maneira cômica. Antes o acesso a essa expressão era reduzido há um grupo seleto de pessoas. Hoje, com o meme, qualquer pessoa na internet pode expressar alguma visão de mundo dele e transmiti-la para milhões de pessoas na rede.”

*Em que momento da sua formação, você viu que eles poderiam ser usados como ferramentas pedagógicas?*

“Na verdade, eu comecei a página 2 anos antes de entrar na faculdade.”

*Você trabalha com objetos que a academia ainda não considera como fonte, como é legitimar seu trabalho? Já se sentiu desacreditado por ela?*

“Na realidade, já existem diversos trabalhos acadêmicos sobre a página que mostram o quanto ela ajudou a democratizar o ensino de História. Claro que existem muitas pessoas que desacreditam desse trabalho, mas realmente isso não tem nenhum impacto no que eu faço.”

*Qual é a sua opinião sobre a digitalização da História?*

“Acho que essa pergunta, de modo geral, acaba sendo irrelevante. Você pode achar bom ou ruim, mas independente da opinião não é só a História que está se digitalizando. É um processo que envolve toda a sociedade, ou seja, já é um fato consumado. A questão é: como vamos lidar com isso?”

*É necessário ter nos currículos acadêmicos disciplinas dentro do curso, ou em eletivas de áreas afins, que trabalhem História Digital?*



“A grande realidade é que os cursos de licenciatura hoje estão extremamente defasados. Os alunos de graduação saem da faculdade totalmente perdidos e não fazem ideia de como dar aulas. A sociedade mudou extremamente rápido e a academia não acompanhou essa mudança. Infelizmente, acredito que isso contribua em peso para o fato de muitas pessoas estarem largando as licenciaturas de todas as matérias. A academia se fechou tanto em uma bolha que perdeu a capacidade de atender as demandas reais da sociedade atual.”

*Como você entende o ofício do historiador atualmente? Mudou algo da visão que tinha ao criar a página?*

“O historiador vem perdendo muito espaço na sociedade. Acredito que isso se deve ao fato da comunicação. Por uma cobrança da academia, os historiadores se prenderam muito a uma linguagem acadêmica ignorando completamente o fato que a maioria esmagadora da sociedade não conseguem acompanhar a linguagem academicista. Acredito que MUITOS historiadores têm a mesma opinião, mas por medo de serem julgados por seus pares continuam insistindo em se comunicar com as pessoas de uma maneira que não traz nenhum resultado.”

*Em dezembro de 2022, você fez um post falando sobre uma “verdadeira revolução silenciosa na educação brasileira.”. Ao que se referia na época, e, quase dois anos após a publicação, houve alguma mudança no cenário? A pandemia teve alguma influência nesse processo?*

“Acredito que a pandemia forçou a educação a olhar mais para o mundo digital e que de fato muitos professores conseguiram aplicar novas maneiras de ensino e melhorar os resultados em sala de aula. Olhando para o ponto de vista didático, acredito que muitas coisas melhoraram. Mas do ponto de vista geral, muitas coisas pioraram. Mas aí, já é uma questão que envolve "forças maiores".”

*Durante a pandemia, houve um crescimento de público e de uso para os memes da página?*

“Com certeza. Acho que foi justamente na pandemia que foi um ponto de virada no qual muitos professores se viram desesperados para dar aulas online e começaram a tentar várias alternativas e uma delas foi o uso dos memes.”

*Quais foram as médias dos números de visualizações, compartilhamento e seguidores neste período?*

“Infelizmente não tenho esses dados.”

*Ao receber os retornos dos professores que usaram seus memes durante o período pandêmico, você percebeu algum padrão no uso e na recepção deles pelos discentes?*

“Com certeza a visão do uso do meme mudou muito nesse período. Ao começarem a usar por uma questão de desespero mesmo, muitos perceberam que há uma ferramenta simples e que prende a atenção do aluno.”

*Além de produzir os memes sobre a pandemia, você também a vivenciou. Como esse contexto mudou a sua percepção sobre a importância dos memes no entendimento da agência histórica e na própria forma de se escrever a História?*

“Acho que a pandemia, de um modo geral, fez a sociedade perceber que a internet hoje ocupa um espaço muito grande e tem um impacto MUITO grande no mundo real. O campo de disputa cultural acontece hoje dentro da internet. Existem várias linguagens na internet e com certeza a principal são os memes. Hoje, uma pessoa que domina a criação de memes consegue influenciar milhões de pessoas na internet divulgando suas ideias. Além disso tudo, hoje, o meme tem um papel extremamente importante em vários setores da sociedade: publicidade, campanhas políticas, educação etc.”

## Anexo 2 - Formulário Digital: Memes e Ensino de História

**Questão 1:** Qual é a sua idade?

Resposta em modelo “resposta curta”.

**Questão 2:** Qual é a sua ocupação?

Resposta em modelo “resposta curta”.

**Questão 3:** O que são memes para você?

Resposta em modelo “resposta longa”.

**Questão 4:** Com que frequência você usa os memes?

Resposta em modelo “múltipla escolha” com as opções de:

- a) Diariamente
- b) Semanalmente
- c) Raramente
- d) Não uso

**Questão 5:** Qual é o seu tipo de meme favorito?

Resposta em modelo “caixa de seleção” com as opções de:

- a) Educativo
- b) Histórico
- c) Político
- d) Crítico
- e) Engraçado
- f) Outro:

**Questão 6:** O que os memes representam para você?

Resposta em modelo “caixa de seleção” com as opções de:

- a) Diversão
- b) Passatempo
- c) Conexão entre relacionamento ("manutenção da amizade")
- d) Procrastinação
- e) Método de Estudo
- f) Trabalho
- g) Outro:

**Questão 7:** Como você acha que os memes ajudam nos estudos?

Resposta em modelo “caixa de seleção” com as opções de:

- a) É uma forma lúdica de abordar o tema
- b) Ajuda na revisão
- c) Fixa o conteúdo
- d) Ajuda a fazer sentido
- e) Na parte de exercícios

f) Não vejo uso para os memes no estudo

**Questão 8:** Você já usou memes nos seus estudos e/ou trabalho?

Resposta em modelo “múltipla escolha” com as opções de:

- a) Sim
- b) Não

**Questão 9:** Se "sim" na pergunta anterior, diga como.

Resposta em modelo “resposta longa”.

**Questão 10:** Há algum tema na disciplina História que te lembre de algum meme ou que você tenha entendido melhor por ele?

Resposta em modelo “resposta longa”.

**Questão 11:** Durante a pandemia, como foi o seu consumo de memes?

Resposta em modelo “múltipla escolha” com as opções de:

- a) Aumentou.
- b) Diminuiu.
- c) Comecei a fazer uso nesse período.
- d) Não vi diferença.

**Questão 12:** Na quarentena, quais foram os principais temas dos memes enviados e/ou consumidos por você?

Resposta em modelo “múltipla escolha” com as opções de:

- a) Pandemia em si
- b) Política
- c) Educação
- d) Variedades
- e) Outro:

**Questão 13:** Qual é a sua opinião sobre a aplicação de memes nas aulas, principalmente de História, feita durante a pandemia como estratégia pedagógica?

Resposta em modelo “resposta longa”.

**Questão 14:** Fala que eu te escuto!

Resposta em modelo “resposta longa”.